



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GEOVANA DARA PEREIRA DE OLIVEIRA

“SILENCIADA FUI, POESIA SOU”: NARRATIVAS POÉTICAS DE MULHERES

NEGRAS DA CENA DO *SLAM* NO INTERIOR CEARENSE

FORTALEZA

2023

GEOVANA DARA PEREIRA DE OLIVEIRA

**“SILENCIADA FUI, POESIA SOU”: NARRATIVAS POÉTICAS DE MULHERES
NEGRAS DA CENA DO SLAM NO INTERIOR CEARENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestrado em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Crítica do Contemporâneo.

Orientação: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O47s Oliveira, Geovana Dara Pereira de.
Silenciada fui, poesia sou : narrativas poéticas de mulheres negras da cena do slam no interior cearense / Geovana Dara Pereira de Oliveira. – 2023.
106 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima.

1. Mulheres negras. 2. Poesia. 3. Interseccionalidade. 4. Psicologia Social. 5. Slam. I. Título.
CDD 150

GEOVANA DARA PEREIRA DE OLIVEIRA

“SILENCIADA FUI, POESIA SOU”: NARRATIVAS POÉTICAS DE MULHERES
NEGRAS DA CENA DO SLAM NO INTERIOR CEARENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como
um dos requisitos para obtenção do título de Mestrado
em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Crítica do
Contemporâneo.

Aprovada em: 10/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima (Orientador)

Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

Profa. Dra. Luanda Rejane Soares Sito

Universidad de Antioquia

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a meus pais, Cleia e Hélio e ao meu irmão, Davi, por toda dedicação e esforço que fizeram para eu ter acesso a espaços de ensino escolar de qualidade, bem como todas as palavras de apoio e incentivo ao estudo como algo central em minha vida. A vocês dedico essa dissertação, conquistamos um sonho juntos.

Também agradeço de maneira muito especial a Natália Pinheiro e Layze Martins, por confiarem em mim e toparem fazer parte desse projeto. Me receberam de braços abertos em suas vidas, casas e histórias. Meninas, sem vocês isso não seria possível.

Bem como também a todas as outras mulheres poetas com quem cruzei nessa caminhada da pesquisa que fazem parte da Coletiva Barrossas.

Agradeço ao meu orientador Aluísio Lima, pelo apoio em todas as ideias que tive ao longo dessa jornada e pela disponibilidade em estudar, entender e acolher pesquisas e assuntos como o dessa dissertação.

Agradeço imensamente às minhas colegas de laboratório PARALAXE, só nós sabemos as dores e alegrias que a pós-graduação proporciona e por tê-las como companheiras nesta jornada deixa tudo mais possível de viver.

Agradeço também ao meu namorado e tantas amigas e amigos que sempre torceram por mim.

Agradeço a CAPES, pelo financiamento desta pesquisa, fundamental para a minha participação em eventos acadêmicos e para a minha permanência no curso.

E a todas as mulheres negras que trilharam esses caminhos antes de mim e que fizeram possível eu estar aqui hoje.

Resumo

Essa dissertação discute as articulações da poesia e da escrita nos processos identitários de mulheres negras que compõem a cena do *slam* das minas na região do Ceará. Teve como metodologia um estudo de narrativas de história de vida e uma análise interseccional, a partir do relato de duas mulheres negras poetisas que participam da cena do *slam* das minas. Conta com um arcabouço teórico composto majoritariamente de autoras negras, do campo do feminismo negro, tecendo discussões a partir de um viés interseccional, sobre o processo de silenciamento de mulheres negras, a escrita como arma de luta, processos de aquilombamento através dos movimentos culturais e a vivência da personagem poeta como uma identidade, sob a ótica da Psicologia Social Crítica que consegue usurpar as perspectivas fetichizadas e aniquilantes pressupostas para a experiência de mulheres negras.

Palavras-chaves: mulheres negras, poesia, Interseccionalidade, Psicologia Social, *slam*

Abstract

This dissertation discusses the intersections of poetry and writing in the identity processes of black women who are part of the slam scene in the Ceará region. Its methodology involved a study of life history narratives and an intersectional analysis based on the accounts of two black women poets participating in the slam scene. The theoretical framework predominantly comprises works by black authors within the field of black feminism. It weaves discussions from an intersectional perspective about the silencing of black women, writing as a tool of resistance, processes of community building through cultural movements, and the lived experience of the poet as an identity. This is viewed through the lens of Critical Social Psychology, which aims to challenge the fetishized and annihilating perspectives imposed on the experiences of black women.

Keywords: black women, poetry, Intersectionality, Social Psychology, slam

Sumário

| | |
|--|------------|
| Prólogo | 8 |
| E foi só atravessar a BR 116..... | 9 |
| Primeiro ato: a cena do slam..... | 26 |
| Resgatando o movimento do <i>slam</i> | 26 |
| A cena do <i>slam</i> e as histórias que vieram antes..... | 33 |
| <i>Slam</i> das Minas e o protagonismo das mulheres negras | 42 |
| <i>Slam</i> na região do Ceará..... | 49 |
| Segundo ato | 52 |
| Rompendo com silêncios..... | 54 |
| Terceiro ato..... | 73 |
| Identidade metamorfose: novos e velhos aspectos sobre identidade na Psicologia | 73 |
| Mulheres negras e suas possibilidades de existência pela resistência da poesia-obra . | 85 |
| Ato final..... | 98 |
| Começo-início-começo | 98 |
| Referências..... | 102 |

Prólogo

Memórias da adolescente que fui...

*Clara demais pra ser negra.
Negra demais pra ser branca,
assim foi a infância da menina falante.
Disseram-lhe negra como carinho
Disseram-lhe negra como xingamento.
Chamaram-lhe negra de todos os jeitos
que não quis parecer totalmente negra.*

*Alisa o cabelo, bota o pó mais claro na cara,
vai vivendo assim, se arrumando sempre o dobro
que as amigas. Usa do corpo mulato para estar no lugar
Chama atenção, dança na festa...
mas no final
Ninguém olha nos seus olhos*

*Sozinha volta pra casa,
sozinha permanece em seus pensamentos
Chora sem entender o que acontece
e no final
Volta.
do mesmo jeito,
o mesmo cabelo, a mesma festa,
as mesmas pessoas, porque é isso que se tinha no momento.*

*Mas um dia isso mudaria,
ela se amará e será amada
Lhe olharam nos olhos e dirão:
“Preta, tu és linda”.*

*O amor a libertará desse ciclo sem fim.
Confia! Vai mudar.*

(Geovana Dara de Oliveira)

E foi só atravessar a BR- 116

Tem uma história anterior a este texto que eu quero contar. Na verdade, saber dos bastidores para construir essa dissertação é o que mostra o desenvolvimento dela enquanto processo e fluxo. Nos bastidores é possível entender como ela foi tomando forma e dando como resultado esse enredo que você lerá em breve. Diante de diversas perspectivas dos bastidores, eu escolhi contar sobre como cheguei até aqui, até esse tema, até essa história e sim, talvez eu tenha que falar de quando eu era pequena, mas calma, não vou voltar tanto assim no tempo.

Chegar até o tema que estou pesquisando hoje, foi um percurso que conta um pouco da minha vida e daquilo que eu gosto. Sou uma mulher negra, psicóloga, nascida e criada no interior do estado do Ceará, em Santa Quitéria, situada a cerca de 200km de Fortaleza. Cheguei na capital do estado com 14 anos de idade, buscando um melhor ensino escolar e com sonhos de prosperidade, sonhos estes que não eram só meus, mas de toda a minha família; minha mãe, meu pai, avós, tias, tios e tantos outros que não puderam chegar até onde eu estou hoje. Eu vi e ouvi histórias iguais a minha em muitas pessoas que passaram pelo meu caminho, meninas-mulheres que se mudaram para a cidade grande carregando em si sonhos e promessas de uma vida melhor para alcançar sucesso, conquistar o mundo e ser motivo de orgulho. Junto com tudo isso vem muita responsabilidade, foi necessário crescer e desenvolver uma maturidade não esperada para a minha idade, aprender a viver sozinha, a lidar com os desafios e seguir, mesmo que o desejo muitas vezes fosse querer voltar para casa.

Eu cresci ouvindo da minha mãe que estudar era o único caminho, que essa era a única coisa com o que eu deveria me preocupar, que era pelo estudo que as transformações aconteceriam na minha vida e dessa maneira segui. Aos poucos fui trilhando meu caminho e fincando raízes nesta cidade, finalizei os últimos dois anos de ensino médio e ingressei no

curso de Psicologia, a conexão com a universidade e todas as infinitas possibilidades que ela me proporcionou de fato mudaram a minha vida.

No que diz respeito às questões raciais, este nunca foi um tema abordado dentro do meu contexto familiar, não fui letrada racialmente desde pequena, esse processo só foi acontecendo na faculdade e a partir das experiências de vida que fui tendo ao longo do caminho. Ainda no final da faculdade fui apresentada a um livro de poemas: *Tudo nela brilha e queima* de Ryane Leão e nele apareciam narrativas de mulheres negras e suas histórias, descobertas, dores, alegrias, crescimentos, desenvolvimento etc. Desde esse período senti curiosidade de escutar mais histórias de mulheres, pois em cada uma que lia ou ouvia, aparecia algo que se desenterrava em mim e ganhava um novo sentido. Situações e sensações que eu experimentava e antes não conseguia nomear, começavam a ganhar nome, vocabulário, rima e ritmo. O processo de conhecer o livro aconteceu através do meu caminho em me reconhecer enquanto uma mulher negra, ressignificando alguns aspectos da minha história, do meu corpo e algumas relações pessoais também.

Interessante, foi que eu nunca imaginei que me encontraria nesses poemas, afinal não era uma leitora ávida desse gênero literário, na verdade, jamais gostei. Palavras rebuscadas demais, que para mim não faziam sentido algum, não me tocavam, não me atravessavam, até eu conhecê-la. Depois disso, a chave virou e eu fui percebendo que existia um determinado tipo de poesia com que eu me identificava e pelo qual eu tinha interesse de estar cada vez mais perto. Foi com Ryane Leão que conheci o *slam*¹, cenário desta história que você lerá. Ela, assim como outras poetisas negras, tiveram passagem e foram impulsionadas pelo movimento do *slam*. Atualmente Ryane é professora, ativista, tem dois livros publicados e segue divulgando seu trabalho através das redes sociais.

¹ A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo da nossa “pá!” em língua portuguesa. (Neves, 2017)

O *slam*, de maneira resumida, é uma competição de poesia falada, que chega ao Brasil por volta de 2008, nele as(os) poetas competem entre si declamando seus poemas autorais, de no máximo três minutos e sem o uso de nenhum acessório ou figurino, apenas sua voz e sua performance. Esse cenário, será abordado e detalhado com mais informações nos próximos atos dessa história.

A pesquisa com e sobre mulheres negras ao longo da minha caminhada foi algo que passou a fazer sentido após me debruçar sobre os estudos do feminismo negro e a partir deles, reconhecer minha vida, minha história e a realidade social que me rodeia. A entrada no mestrado sempre foi algo que fez parte dos meus planos, afinal vocês lembram que estudo era a única coisa com a qual eu deveria me preocupar, portanto, estar no mestrado é continuar trilhando esse caminho de estudo e transformando a minha vida.

A entrada na pós-graduação da UFC, começou antes mesmo de eu ser mestranda. Chego em setembro 2019, em uma reunião do laboratório Parallaxe- Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Intervenções em Psicologia Social Crítica, coordenado pelo professor Aluísio Lima, meu orientador de mestrado e logo percebo a receptividade de encontrar mulheres mestrandas e doutorandas estudando sobre assuntos que dizem respeito a gênero e sexualidade. Percebo que nesse espaço é possível aliar os estudos de outras áreas ao campo da Psicologia. Eu já vinha em uma caminhada de conhecer os estudos do feminismo negro e vi nesse grupo outras mulheres brancas e negras seguindo o mesmo fluxo, ali era um espaço possível de florescer e em 2021 entrei no processo de seleção da UFC, passando a compor o rol de mestrandas do laboratório, esse que compõe a linha 2 Subjetividade e Crítica ao Contemporâneo do programa de Pós Graduação em Psicologia da UFC.

Durante os meus aprofundamentos fui percebendo o quanto os diálogos e questionamentos apontados na teoria do feminismo negro tornaram-se imprescindíveis para a minha prática e para a minha visão de mundo enquanto profissional de Psicologia. Dentro do

campo da universidade junto às minhas colegas de laboratório, nos aventuramos no ano de 2020, ano este em que fomos acometidos pela pandemia do COVID-19, a promover um curso de extensão, com duração de um ano, totalmente online. Curso esse intitulado “Estudos Interseccionais em Psicologia Social Crítica: raça, gênero e sexualidade”, foi durante todo esse ano que nos debruçamos sobre diversas leituras do feminismo negros, entre outros, na tentativa de discutir com nossos alunos as possibilidades do campo da Psicologia e do nosso fazer profissional.

Estar envolvida nessas atividades foi aos poucos me colocando mais próximo do meu campo de pesquisa. As implicações de raça e gênero nunca estiveram tão atravessadas em minha visão mundo e assim vou decidindo por uma pesquisa que dialoga a partir desse lugar, uma pesquisa que me atravessava, que não necessariamente é a minha história, mas que em diversos aspectos perpassa o meu corpo e a minha vida.

Portanto, na minha experiência de leitura e ouvinte de poesias de *slam*, fui percebendo que nelas, eu conseguia aprender sobre a história do povo negro e da mulher negra, sobre personalidades importantes que compõem esse enredo, entender sentimentos e incômodos inconscientes que eu sentia e inclusive, pensar estratégias de luta antirracista. Os enredos da poesia além de expressar algo de cada uma das poetisas, também tinha um teor educacional e crítico, me fazia sentir e refletir sobre diversos contextos similares que se apresentam na vida de mulheres negras, influenciando diretamente nos processos psíquicos dessas mulheres, bem como em suas percepções de identidade.

Ao conseguir realizar essa análise decidi que o caminho da pesquisa seguiria nesse rumo, pensando em como a poesia aparece para mulheres negras que participam da cena do *slam*. O que ela narra, que aspectos são ressaltados, o teor racial aparece em seus escritos? Bem como, também poder pensar as articulações possíveis da Psicologia com o campo da literatura de poemas, entendendo que a Psicologia sendo uma ciência que trabalha com o

humano necessita estar em contextos de diálogo com os mais diversos espaços sociais, de narrativas, de experiências e muito mais.

O *slam* foi o espaço onde percebi que poderia encontrar esse público de mulheres negras poetas e de todas as possibilidades de trazer à tona nossa fala e nossa história, acredito que em forma de rima é o que mais combina com a gente, porque tem ritmo, tem som, tem luta e traz memória, e isso tem de sobra na história do povo negro. A poesia de mulheres negras mexe com o corpo, causa um conforto ou desconforto, não te atravessa somente através de uma reflexão cognitiva, vai no corpo, ela anuncia o mal-estar, ela enjoa, arrepia e não há como não se dar conta, quando você ouve, afeta. Entra sem pedir licença. inunda, se espalha. Denuncia, briga, acolhe, abraça, faz rir, faz chorar, dá vergonha, tristeza, derrama dor e pode muitas vezes transbordar de amor e cuidado. Construir uma pesquisa que, assim como as poesias, nos atravessa cognitivamente e também pelo corpo, incomodando e afetando, é a minha estratégia de luta antirracista. Foi o lugar onde vi possibilidade de construir análises e recursos que possam agregar uma racialização das discussões em Psicologia, destacar o desenvolvimento e a potencialidade do *slam* através das narrativas de quem o vive, além de apresentar para a academia o campo de produção de conhecimento, cuidado e afeto que existe na poesia de mulheres negras.

É importante que se diga que eu não sou poeta e isso foi algo que bloqueou e emperrou o desenvolvimento dessa pesquisa durante um tempo. O fato de não me ver como escritora parecia me colocar em um lugar muito distante daquilo que queria pesquisar e me aproximar. Tive que ir a campo, tive que enfrentar medo e inseguranças que eu nem sabia que tinha. Enquanto escrevo essa dissertação e abordo a vida de outras mulheres, ao mesmo tempo rememoro a minha. Vencer o medo e me aproximar do campo, que em primeiro momento era algo pouco conhecido por mim, foi uma virada de chave.

Dessa maneira, participei de algumas oficinas de poesia para descobrir a escritora que existe dentro de mim e também na tentativa de me aproximar das mulheres que seriam o meu alicerce para a construção dessa pesquisa.

Neste trabalho tecerei narrativas a partir da narrativa de outras e este é um trabalho um tanto difícil, pois não há como encontrar um ritmo de narração de uma história quando ela lhe parece tão distante e com a qual você tem pouca intimidade, é necessário imersão.

Portanto, o percurso para encontrar as mulheres que estão na pesquisa começa através do primeiro *feedback* que tive a respeito do meu projeto de pesquisa, um projeto duro e pouco lapidado, que falava sobre o desejo de pesquisar poesia, mas que não trazia nenhuma poesia em seu corpo. Após esse *feedback* me senti convocada para adentrar no campo, era impossível escrever um projeto de algo que parecia tão distante de mim, mesmo gostando de poesia e lendo alguns livros que tinha em casa, eu precisava ouvir poesia, falar sobre poesia, encontrar poetas e até produzir o meu primeiro poema.

A minha busca foi iniciada por meio das redes sociais e a partir de uma indicação encontrei uma coletiva de poetas que residem no bairro do Barroso, localizado na regional 6 da cidade de Fortaleza-Ceará, a coletiva se chama baRRósas. Em 27 de novembro de 2021, elas realizaram um sarau, o primeiro de retorno após o período da pandemia por COVID-19, e eu tinha que ir. Essa era a chance de me aproximar do campo e talvez através delas descobrir mulheres que pudessem estar diretamente relacionadas com a cena do *slam*, afinal, já sabia da existência de um *slam* que acontecia no bairro ao lado, o Jardim Violeta.

Decidi que iria participar duas semanas antes da data do evento e ao colocar no mapa para ver a localização do bairro, me surpreendi, era só atravessar a BR. O bairro que eu resido está paralelo ao do Barroso e o que delimita a fronteira de um espaço para o outro é o cruzamento da BR 116.

Decido ir, preciso ir, é necessário ir. Entro no carro, suor descendo pelas costas, tensão, medo, pensamento ansioso, 10 minutos do destino. Eu estava a 10 minutos do local de onde o evento aconteceria, estava a 10 minutos do meu campo de pesquisa, a 10 minutos de dar um passo que mudaria completamente minha posição diante dessa dissertação. Ainda bem que eu fui, ainda bem que atravesssei a BR.

“Vire à direita”, diz o GPS. “Siga em frente. Seu destino está há 500 metros”. Me sinto perdida durante todo o caminho, atravessar a BR nunca foi tão difícil e desafiador. “Você chegou ao seu destino”, diz o GPS mais uma vez. Não vejo nada! Me desespero por alguns segundos, percebo que preciso entrar naquele espaço que mais parece um condomínio aberto. Entro, estaciono. Vejo algumas mulheres reunidas em um espaço que parece uma casa. Várias mulheres, música, abraços, risos, gritos e máscaras. Não reconheço ninguém, ninguém me conhece também. Pergunto “é aqui o sarau da baRRósas?”, “Sim, seja bem-vinda. Vamos já começar”, responde uma moça sorridente. Me sinto estranha, olho para todos, sorrio amarelo com os olhos, me sinto inadequada, mas decido permanecer.

Lembra que eu já falei que ao tomar contato com essa dissertação, fui me deparando com vários medos e inseguranças que nem sabia que tinha, pois é, eles se apresentaram durante todo esse percurso. Apesar de me sentir desconfortável, o ambiente não era hostil, pelo contrário, era alegre, divertido e seguro, mas ainda assim era estranho para mim, para o meu corpo, como se eu estivesse tentando colocá-lo em uma posição na qual ele não está acostumado a ficar. Escolho um cantinho, o mais de canto possível, não queria atrapalhar ninguém. Acredito que estava tentando passar despercebida, portanto, quanto mais quieta eu ficasse, mais fácil seria permanecer ali, invisível. Agora percebo e consigo nomear esse ato como insegurança, em nenhum momento estive invisível, na verdade estava ali presente desde o momento da pesquisa na rede social e do contato via mensagem. A minha presença já

estava naquele espaço, foi reconhecida e acolhida. Uma pesquisadora não consegue e nem deveria tentar passar despercebida, afinal a sua simples presença já altera o espaço.

Encontro uma conhecida que não via há muitos anos, ela se assusta com a minha presença “Nunca te imaginei aqui”, essa é a primeira fala que sai de sua boca ao me ver. Eu também não me imaginaria aqui, afinal até duas semanas atrás eu nem sabia desse lugar ou dessa coletiva, mas faz tanto sentido estar aqui, pensei. O evento começa com muitas poesias, afeto, trocas e emoção. As pessoas sorriem, troco olhares com quem está por lá, aos poucos vou me sentindo menos desconfortável. O corpo arrepia em muitos poemas recitados. O dia 27 de novembro de 2021, teve um lindo fim de tarde e eu o assisti embalada no som das rimas das meninas baRRÓssas.

Respirei fundo, estava chegando ao fim e eu também não poderia permanecer ali por mais tempo, criei coragem e me apresentei a uma das organizadoras, pedi para comprar o livro da coletiva, ela gentilmente me vendeu e conversou comigo, perguntando sobre o que eu estava achando do sarau, uma pergunta interessada, olhando no fundo do meu olho. Respondi que havia amado e que era a minha primeira vez ali. Procurei saber sobre outros eventos que iriam ocorrer na biblioteca da coletiva, fui comunicada de que teriam algumas oficinas no início do ano e que estas seriam divulgadas nas redes sociais, afirmei o meu interesse de participar e me despedi.

Segui em direção ao meu carro, dou alguns tchau tímidos para aquelas outras com quem troquei apenas olhares, nenhuma palavra. Coração acelerado, sinto o corpo inteiro em êxtase. Eu consegui. Eu fui, eu atravessei a BR e estou aqui, inteira e com o corpo todo pulsando, me sentindo viva. Ouvi e vi tanta coisa que me fizeram sentido. Saio me sentindo menos desconfortável daquele espaço. Nunca fez tanto sentido estar em um determinado lugar, naquele determinado dia e hora, nesse momento percebi que o campo começava a florescer em mim.

Depois de alguns meses, janeiro de 2022, adivinha? Sim, lá estava eu atravessando a BR mais uma vez, em busca de participar das oficinas que seriam ofertadas pelo coletivo. O evento surgiu intitulado: Re(existir) na linguagem: por uma escrita de mulheres em evidência, nele foram realizadas quatro oficinas: Quarentenas: vivências e narrativas; Negras Narrativas: conhecendo as literaturas feitas por mulheres negras; Feminizine: produzindo fanzines e Poesia Dazareas: o texto poético entendido na e pela poesia feita por mulheres que moram nas periferias de Fortaleza - Ce. O projeto ocorreu nos dias 16 e 22 de janeiro de 2022, na Biblioteca Viva Barroso, localizado no bairro Barroso, Fortaleza - Ce e foi realizado a partir de recursos provindos da lei 14.017/202 e suas alterações, Lei Aldir Blanc 2021, por meio da Secretaria Municipal da Cultural de Fortaleza.

Consegui me inscrever para participar de duas oficinas, Negras Narrativas e Feminizine, que ocorreram nos dias 16 e 22 de janeiro, respectivamente. Cheguei no espaço ainda sentindo um pouco de medo, ainda com inseguranças, mas agora não me parecia um lugar desconfortável, não me era mais desconhecido. Foi fácil chegar, sentar e me colocar disponível para o momento, foi nessa oficina que escrevi o poema que está no início deste manuscrito, ele está no livro que foi publicado com as produções que foram realizadas em todas as oficinas que tem como título: *Escritas do Fim do Mundo (Coletânea) (2022)*, organizado por uma das responsáveis do evento, Bruna Sonast. Mesmo tendo muita vergonha de compartilhá-lo durante a oficina, me senti segura o suficiente para recitá-lo. Nessas oficinas consegui me aproximar de algumas mulheres, trocar ideias, falar de mim enquanto pessoa e enquanto acadêmica, falar, escrever e respirar poesia, além de compartilhar sobre meu tema de pesquisa do mestrado e esse exercício de aproximação com o campo, ou seja, mais uma vez me vejo como a pesquisadora que não pode estar invisível e que não quer ser invisível, afinal aqueles dois dias de encontro me colocaram atuando em e com o campo.

Adentrar esse espaço foi essencial para encontrar a minha voz e o meu ritmo, este que está construindo essa dissertação. O campo floresceu em mim e foi me levando ao encontro das mulheres que seriam minhas companheiras de percurso. Através da rede social *Instagram*, fui em busca de perfis de *slam* que aconteciam na região de Fortaleza e a partir da indicação de uma das mulheres que estavam na oficina comigo, pude conhecer o grupo *Slam Violeta* e a partir desse perfil fui tendo acesso a outros, passei a seguir a página oficial do *Slam BR* e o *Slam CE* no *Instagram*. Dentre os requisitos de interesse para a pesquisa, busquei por mulheres negras que fossem maiores de 18 anos, que participassem ou que já tivessem participado de um *slam* das minas, ou seja, um *slam* com um recorte de gênero.

No decorrer dessa pesquisa no digital, tive um primeiro diálogo com a *slammer* Índia, uma das organizadoras do *Slam Violeta*, que não é um *slam* com um recorte de gênero, mas se caracterizou como um momento para entender o cenário do *slam* na cidade de Fortaleza e como ele estava se organizando até aquele momento. Através dessa conversa, descobri o coletivo do *Slam* das Minas kariri e do *Slam* das Cumades, localizados nas regiões de Cariri e Sobral, respectivamente.

Após a descoberta desses dois coletivos, comecei a busca por contato com alguma das integrantes ainda através das redes sociais. Do *slam* das Minas Kariri, conheci Natalia Pinheiro, com quem realizei duas conversas através de chamadas de vídeo via *Google Meet*, a primeira no dia 27 de junho de 2022 que teve duração de 1 hora e a segunda no dia 08 de dezembro de 2022, com duração de 1 hora e 23 minutos. Do *slam* das Cumades, tive contato inicialmente com duas integrantes do coletivo, Thay Gadelha e Preta, também através de uma chamada de vídeo do *Google Meet*, no dia 29 de agosto de 2022, com duração de 1 hora e 15 minutos. Posteriormente, consegui realizar uma conversa com uma ex-integrante do *Slam* das Cumades, Layze Martins, também através da plataforma *Google Meet*, no dia 6 de março de 2023, com duração de 1 hora e 40 minutos.

Ao final, somente as narrativas de Nathalia Pinheiro e Layze Martins foram escolhidas para compor essa pesquisa, tendo em vista a maior riqueza de detalhes de suas histórias de vida, a disponibilidade para contribuir como interlocutoras desse projeto e o cumprimento dos requisitos listados anteriormente para serem participantes da pesquisa. Em ambas as conversas foram realizadas perguntas-chaves, tais como: Quem é você? Quais os acontecimentos mais marcantes de sua vida? Como a poesia se insere em sua história? Quais poesias marcam sua história de vida? O que encontraremos escrito em suas poesias? Além das demais perguntas que foram sendo realizadas e pontos de suas narrativas que foram sendo apresentados pelas interlocutoras. Ao final de cada conversa, pedi que as poetisas selecionassem pelo menos três poemas de sua autoria que falassem sobre elas ou sobre algo marcante de sua vida e me enviassem, pois estes serão usados para compor o material de pesquisa e de suas narrativas. Todas as conversas foram gravadas, transcritas e arquivadas em documentos do *Google drive* com a autorização das interlocutoras.

A escolha do método narrativo para realizar e dar base a essa pesquisa não se deu de maneira aleatória. Entendendo o processo de racismo estrutural (Almeida, 2019) que funda nossa sociedade, e os diversos mecanismos de opressão que foram sendo desenvolvidos para dar conta de esconder e aniquilar vários acontecimentos na vida do povo negro e de maneira ainda mais dura, a dupla opressão sexista e racista (Gonzalez, 1982/2020) que incide sobre as mulheres negras, o resgate da memória oral, por meio de narrativas poéticas se apresenta como um instrumento, que assim como aponta Bosi (2004), nos permite ter acesso aos registros que estão fora da história hegemônica e como pontua Lima (2014, p. 15), nos convida para a “ interpretação de um passado que nos escapa”, e ousar dizer que nos permite ter novas lentes para olhar o presente e vislumbrar um futuro.

Esse prólogo sobretudo, desenvolve-se sob a perspectiva de uma narrativa pessoal, afinal, como afirma Saidiya Hartman em seu conto *Vênus em dois atos* (2020), narrar

histórias de mulheres negras é um relato também pessoal, porque esses enredos nos engendram, nos incomodam, trazem à tona memórias e espelham o traço espaço-temporal passado-presente-futuro que me conecta com essas histórias e conecta a experiência de mulheres negras.

Você leitor (a) poderá achar estranho o uso da palavra “nós”, “nós mulheres negras” e é preciso saber que isso aparecerá durante todo o texto. Pois as histórias que você lerá aqui são de mulheres negras também, com relatos únicos e com um ritmo próprio, mas que apesar da unicidade indiscutível que cada uma delas possui, trazem a história das que vieram antes de nós e que traça uma linha espaço-tempo, passado-presente-futuro, que nos atravessa e une nossos passos em um ritmo só, ritmo de rima e que, portanto, faz com que uma história possa representar tantas outras e ao mesmo tempo, atribuir individualidade e vida a cada uma delas.

Narrativas de história de vida é um dos recursos metodológicos que utilizo para guiar essa pesquisa, para mim este é o método que mais me dá subsídios para trazer à tona a história de mulheres negras, seus escritos e seus atravessamentos experienciais de opressão, violência, dores, alegrias e de maneira mais concreta, suas ações e movimentos para o fortalecimento da luta antirracista.

O uso de narrativas orais teve seu início nos campos da Filosofia, Sociologia e Antropologia, tal como nos relata Lima (2014), porém recebeu diversas críticas apontando problemáticas sobre a confiabilidade do método, a possibilidade de captação dessa narrativa e a forma como a mesma seria trabalhada. Existia uma questão fundamental nesta crítica que era: como falar de uma questão social a partir de apenas uma história e como não ter interferência do pesquisador na análise desses registros? A técnica de narrativas de história de vida é inserida na história oral e apesar de parecer muito semelhante a uma técnica de entrevista como depoimentos pessoais, autobiografias ou biografias, onde os sujeitos relatam o que lhes ocorreu, na narrativa de história de vida, existe um relato de um narrador contando

sua existência no decorrer do tempo e a tentativa de reconstruir e ressignificar os acontecimentos pessoais e sociais que lhe atravessaram nessa experiência, assim como nos sinaliza Lima (2014) citando Pereira de Queiroz (1988). Para Lima e Ciampa (2017) “O ato de narrar se apresenta performaticamente como uma identidade, a partir da reconstrução do passado, da revelação de conflitos, rupturas e pactos que fez com outros e consigo mesmo” (p.5).

No Brasil, segundo Lima (2014), a técnica de história de vida não teve força dentro das áreas das Ciências Sociais e Psicologia, pois em meados das décadas de 50, 60 e 70, eram as estatísticas que tomavam conta das pesquisas, existia um verdadeiro desinteresse em métodos que trabalhassem perspectivas de subjetividade. O reaparecimento da utilização dessa técnica tem início na Psicologia Social, com o trabalho de Ecléa Bosi (1979), sobre memória social. Nesse momento a técnica foi utilizado em um cenário específico, investigando questões sociais dos quais não se tinha documentação, como é possível aferir a respeito da história do povo negro, dos povos originários, que tiveram seu povo dizimado e seus registros extorquidos e apagados. O resgate da memória oral daqueles que vivenciaram essas histórias ou ouviram sobre elas tornou-se um instrumento de reconstrução de um passado nunca narrado, mas que foi vivido. Um passado que nos dá sinais de como chegamos enquanto sociedade até aqui.

No desenvolvimento dessa técnica dentro do campo da Psicologia Social, aparece o mais notório dos trabalhos, os estudos sobre identidade de Antônio da Costa Ciampa onde ocorre o processo de superação da dicotomia entre social/individual. Em sua produção, *A Estória de Severino e a História da Severina* (1987) Ciampa nos apresenta a articulação entre a história de uma personagem da vida real e um personagem fictício de um poema e nos demonstra como o singular, a história individual pode materializar o universal, aquilo que fala de um coletivo que se apresenta sempre em busca de interação social e reconhecimento.

Nesse ponto é importante salientar, que diante de todos os estudos feministas, interseccionais e de raça que darão base a essa pesquisa, a categoria universal apresenta diversas problemáticas, tendo em vista que nos estudos de Ciampa não houveram discussões que versaram sobre as implicações de gênero e raça que ampliam a discussão e apontam a universalidade como um conceito que exclui, marginaliza, violenta e ignora diversas pessoas que não adentram no padrão eurocêntrico branco monoteísta. Dessa maneira, aliada a técnica de história de vida, a base para análise dos dados dessas narrativas será através da Interseccionalidade, ferramenta teórico-metodológica desenvolvida dentro do campo do Feminismo negro, que aborda a necessidade de um olhar que acolhe e observa todas as possibilidades de intersecções identitárias que perpassam a vida dos sujeitos, compreendendo seu teor coletivo e também individual, mais adiante tecerei maiores comentários a cerca dessa teoria de análise.

Como observa Lima (2014), a história de vida possibilitou para Ciampa o desenvolvimento de pesquisas que proporcionaram um método de análise e aprofundamento diferentes daqueles utilizados nas tradicionais pesquisas sobre Identidade na Psicologia Social, pois, através das narrativas, se apreende a construção de significados sobre as experiências de identidades dos narradores a partir do surgimento do próprio personagem narrador, que é o entrevistado. Trazendo como diferencial a proposta de que não existiria uma única identidade, coerente e retilínea, mas sim a justaposição de diferentes personagens, de “eus” ao longo de uma história que se desenvolve em relação ao campo social em que se está inserido.

No que diz respeito, ao percurso desse método para realizar o trabalho de campo, este não se limita a um número específico de entrevistas, assim como afirma Lima (2014) trabalhamos com a perspectiva de ponto de saturação, que significa ir realizando entrevista com aqueles sujeitos que estão dentro dos critérios pré-estabelecidos para a pesquisa e chegar

ao ponto onde aparece uma homogeneidade nas narrativas, onde não se obtém novos dados e nesse ponto encerram-se as entrevistas. São realizados registros das narrativas através de gravadores de áudio e no caso dessa pesquisa em questão, o uso da plataforma de vídeo *Google Meet* onde foram realizados os encontros, é feita a transcrição literal dos conteúdos das entrevistas e caso haja alguma lacuna é realizado um novo contato com os interlocutores da pesquisa.

Após a transcrição, organiza-se a narrativa a partir de fatos marcantes ou cotidianos da vida dos interlocutores e em outro ponto falas ou situações que versam sobre expressão de juízo e valores, compreendendo aquilo que é descritivo na situação narrada e aquilo que está sob ótica de reflexão do narrador. A construção da pesquisa passa pela relação direta com os entrevistados, que aqui serão chamados de interlocutores, onde são compartilhados com os mesmos as produções que são feitas e a forma como vem sendo trabalhada sua história, para que seja autorizado a utilização como lá está e também na tentativa de esclarecer algum fato.

Para a análise das narrativas e demais discussões que serão apontadas na pesquisa, tomaremos como base a Interseccionalidade que, de acordo com Collins e Bilge (2020), é uma teoria de análise que investiga como as relações de poder influenciam as relações sociais, compreendendo as múltiplas categorias identitárias que perpassam a vida dos sujeitos, tais como raça, classe, gênero, sexualidade, entre outras. Tendo sido desenvolvida dentro do campo de estudo do Feminismo Negro, essa teoria tem em sua origem a experiência de mulheres negras que vivenciam múltiplas opressões incidindo sobre seus corpos ao mesmo tempo, corpos estes que se localizam nas encruzilhadas das relações de poder e são bombardeados de violências e abusos.

A Interseccionalidade e o Feminismo Negro, aparecem para tensionar o lugar de universal e complexificar as lutas, compreendendo que não existe uma hierarquia sobre qual opressão é maior ou mais violenta, mas sim a necessidade de um olhar que busque estratégias

que deem conta dessas demandas que acontecem simultaneamente. Um dos principais alicerces para essa teoria é a práxis, como observaram Collins e Bilge (2020), a análise só pode acontecer a partir da interlocução de uma práxis com a teoria, pois em cada campo que for ser investigado existem especificidades diversas que precisam ser contempladas. É necessária uma sinergia entre ideias e ações, uma inter-relação entre investigação e práxis. O movimento muitas vezes acontece do campo para a teoria e não o inverso. O campo sinaliza os caminhos e dificuldades e a teoria comprometida com um olhar interseccional vai se transformando e criando estratégias para resistir diante das opressões que lhe são narradas, em busca de justiça social, rompendo com o pensamento mais tradicional onde existe uma aplicação de método e uma adaptação do campo a este.

Como proposição de texto, assumo a posição de escrevê-lo em primeira pessoa do plural e em forma de atos, afinal nada mais interessante do que narrar histórias em forma de peça de teatro. Esta terá um roteiro adaptado, mas sem encenação, por isso, abusarei da descrição minuciosa para que você, leitor(a), possa utilizar da sua criatividade para imaginar os cenários que apresentarei e as personagens que estarão neles.

Em um primeiro momento, será apresentado o cenário onde o fluxo acontece, a cena do *slam*, que não será colocada aqui como ponto de partida, nem como fim, mas como meio, passagem, encruzilhada que abre caminhos e possibilidades, que também se movimenta, anda de praça em praça, percorre bairros, adentra nas plataformas do *Google Meet*, nos vídeos do *Youtube* e nas publicações do *Instagram*. Nesse primeiro ato, será apresentado como esse cenário começou, o que ele representa, quais seus objetivos e desejos e o significado que este tem para a luta das mulheres negras.

Na segunda fase, segundo ato, o protagonismo será todo dedicado às narrativas poéticas das mulheres negras entrevistadas, Natalia Pinheiro, mais conhecida como Preta poeta e Layze Martins. Através de suas histórias e poemas poderemos compreender seus

percursos com a poesia. Quais os sentidos e significados que a poesia tem em suas vidas, que tipo de desdobramento e em que lugar essa poesia aparece nas suas histórias. Como a poesia lhes compõem enquanto sujeitos. É possível pensá-las sem e para além da poesia? Em que medida a poesia compõem seus processos de identidade?

Em um terceiro e último momento, serão abordadas discussões sobre os processos de identidade colocando em diálogo a Psicologia Social Crítica, com os estudos de Ciampa, outros teóricos da Psicologia como Neuza Santos Souza, Maria Aparecida Bento e Iray Carone e da Antropologia, com Kabemguele Munanga que racializam as discussões dentro de seus campos de estudo, bem como a proposta do desenvolvimento de uma nova consciência apresentada por Glória Anzaldúa para que dessa forma consigamos construir análises de fato interseccionais, que deem conta de pensar um novo olhar para o campo de discussão de identidade na Psicologia.

Sem mais delongas, que se abram as cortinas e que vocês, leitores e leitoras, possam se afetar com o que lerão a seguir. Desejo-lhes uma experiência paradoxal de sentimentos e um gostinho agridoce para se deleitar.

Primeiro ato: a cena do slam

É sobre arrancar a máscara

Desatar o nó na garganta

A herança de um passado colonial

Sobre colocar os silêncios pra fora

porque pra dentro já causou tanto mal

É sobre tanta coisa.

(Pinheiro, 2022, p. 31)

Resgatando o movimento do *slam*

Imagina uma praça pública, agora imagina jovens se aglomerando e confraternizando. Luzes, sons, risos, abraços, encontros, palavras, rimas, música, dança, gente junta, gente passando, gente chegando e ficando sem entender muito bem o que está acontecendo, sentido a animação e a energia que o lugar transmite, é impossível ir embora. Você é capturada pela rima que dança na boca das poetas, pelo grito de união que anuncia cada nova poeta, pela identificação que vem ao escutar um verso que descreve o que você sente. Você passa, você ouve, o corpo arrepia e você fica e vibra e sente (figura 1):

Figura 1

A energia vibrante do slam



Nota: O Instagram como modo de divulgação e expressão do slam. Fonte: Instagram do Slam das Cumadi

O slam acontece no meio público, porque ele é movimento e fluxo, um movimento social que não tem lugar fixo e, portanto, qualquer lugar se torna lugar de slam. (Figura 2)

Figura 2

slam na praça pública



Nota: demonstração do slam em praça pública. Fonte: Página do Instagram Slam das Minas kariri

Basta que tenha fluxo, tenha gente, tenha interesse no encontro genuíno entre pessoas, palavras e rimas. Eu sei que é difícil imaginar tudo isso acontecendo, é mais fácil mostrar o *slam*, do que falar sobre ele. Ele é uma experiência e não um fato. Você precisa vivê-lo, estou aqui na tentativa de capturá-lo em palavras para que aqueles que ainda não conhecem, possam ter uma mínima noção de como essa cena ocorre e da grandeza que ela tem. Para a *slammer*² Natalia Pinheiro, integrante do *slam* das Minas Kariri, “o movimento do *slam* é mais do que só um estilo literário, é uma experiência literária para ser sentida, ouvida, vista” (sic).

O *poetry slam*³ consiste em batalhas de poesia falada que surgiram na década de 80 nos Estados Unidos, mais precisamente em Chicago, tendo como seu principal e mais reconhecido precursor, o construtor civil e poeta Marc K. Smith. Este organizou no Green Mill Jazz Club, um evento para promover mais dinâmica para os círculos de leitura e poesia que estavam pouco movimentados. Smith propôs uma espécie de competição entre os poetas que teriam seus poemas avaliados pelo público presente, a performance sem o uso de figurino era uma das regras e avaliação da competição (D’Alva, 2019).

Romão (2022), em sua dissertação *Microfone em chamadas: slam, voz e representação*, traz a discussão problemática de reduzir o início do *slam* a imagem de um único homem branco de Chicago, trazendo as discussões de Javon Johnson(2017), onde o mesmo refuta essa narrativa oficial de um único fundador e salienta a importâncias de diversos outros artistas que participaram desse processo, onde não podemos deixar de lado os outros fenômenos artísticos que ocorriam na mesma época, como por exemplo a própria cena punk, a cultura hip-hop e a existência de batalhas de box poéticas que ocorriam no subúrbio de Chicago e que Marc Smith assume ter tido como inspiração.

² *Slammer* é o nome dado aos participantes que vão recitar no *slam*

³ *Poetry slam* termo em inglês que traduzido literalmente para o português seria: batalha de poesia.

Além disso, diante do contexto estadunidense de luta por direito civis, é impossível não realizar um paralelo entre o teor político das poesias recitadas e a os discursos proferidos pelos grandes líderes políticos da época, como Martin Luther King, Malcom-X, Angela Davis dentre outros, assim como salientam D'Alva (2019) e Romão (2022), é possível notar similitudes não só de conteúdo, mas a utilização da voz e da palavra falada.

Nutrido por todo esse contexto, o evento foi se popularizando e teve como objetivo tensionar o lugar da poesia e retirar os limites vigentes de que ela só seria possível e acessível a um determinado grupo social e ao espaço acadêmico. O *slam* é:

reconhecimento como um movimento social, cultural e artístico que tem sido utilizado como plataforma para criar espaços nos quais a manifestação da livre expressão poética, do livre pensamento e a coexistência em meio à diversidade são experienciados como práticas de cidadania. (D'Alva, 2019, p. 270)

Para além de se apresentar como um espaço de fala, é também um convite genuíno para a escuta. O movimento realiza uma estreita relação entre a oralidade, a escrita e a performance (Duarte, 2019).

O *slam* chega ao Brasil em 2008, por meio da ZAP- Zona Autônoma da Palavra, idealizado por Roberta Estrela D'Alva Rebento e realizado pelo coletivo artístico Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e hoje com mais de dez anos de existência pode-se perceber que foi um movimento que cresceu de maneira rápida. Em uma última pesquisa realizada pelo *SLAM BR*⁴ em 2019, constatou-se a existência de mais de 94 comunidades de *slams* espalhados em 13 estados do território nacional. Além disso, a potência do movimento possibilitou uma articulação política e estética entre os países da América e a criação do *Abya Yala Slam*, como observa Romão (2022), trata-se de

⁴ *Slam Br* é o campeonato nacional de *slam*, onde os representantes de cada estado competem entre si.

um torneio que reúne diversos *slammasters*⁵ e agentes culturais de diversas partes do continente, com rodas de conversa, trocas de saberes e fóruns de debate desde uma perspectiva latino-americana e que teve sua primeira edição presencial em 2021, durante a FLUP⁶ no Rio de Janeiro”. (p. 46)

Para muitos ainda existe uma confusão em entender como se dá o *slam*, confundindo-o com os movimentos de saraus e as batalhas de rima dos MC 's. Nas batalhas de rima, acontecem disputas entre os participantes, onde estes são divididos em dupla para competir entre si, o ganhador de cada rodada de dupla passa de fase, até que restem apenas dois competidores. As rimas devem ser feitas no momento da disputa e a votação é feita pelo público que está assistindo através de palmas, aplausos e assovios. Nos saraus, se dá de maneira diferente, não existe competição entre os artistas que participam do evento. Nele, além de poesias, podem ter apresentações de canto, dança e teatro, as poesias apresentadas podem ser autorais ou de terceiros e podem ser lidas.

No *slam*, a cena apresenta algumas características diferentes, dentre elas: qualquer pessoa pode se inscrever para participar desde que possua poesias autorais de no máximo 3 minutos e realize a performance da poesia sem o uso de figurino e adereços. Todos os participantes competem entre si e são escolhidos 5 jurados, de maneira aleatória a partir do público que está presente no local, este não precisa ter formação em literatura, nem ser envolvido com a cena do *slam* para ser um jurado. As notas são atribuídas de zero a dez, podendo ter notas quebradas (ex.: 9,5), são avaliados no poema, sua forma, conteúdo e

⁵ *Slammasters* é a forma que são chamados os apresentadores do evento de *slam*. Normalmente poetas mais velhas que organizam o evento.

⁶ A Flup – Festa Literária das Periferias é uma festa literária internacional cuja principal característica é acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade do Rio de Janeiro. Passando pelo Morro dos Prazeres, Vigário Geral, Mangueira, Babilônia, Mangueira e Vidigal, até chegar ao centro da cidade, abraçando a região que o sambista Heitor dos Prazeres batizou de “Pequena África”. Realizaram a edição de 2018 na Biblioteca Parque Estadual e a de 2019 no Museu de Arte do Rio de Janeiro. Em 2020, devido à covid-19, a FLUP foi realizada em plataformas digitais, transcendendo territórios e impactando o Brasil todo e mais 7 países. (<https://www.flup.net.br>)

performance. Ao final de cada rodada, são excluídas a maior e a menor nota para evitar qualquer tipo de favoritismo ou julgamentos parciais. Vence quem obtiver a maior somatória de nota na pontuação geral. O *slam* tem como principal ponto ser acessível ao público, por isso comumente é realizado em locais públicos, tais como praças, anfiteatros (D’Alva, 2019; Jesus, 2021).

A regra dos três minutos aparece como uma preocupação para que o evento se mantenha sempre aquecido, vibrante. Além de permitir que mais pessoas falem na mesma noite, beneficiando a alternância de artistas, gêneros, conteúdos e estilos poéticos, tornando o espaço mais democrática e aberto à escuta (Romão, 2022).

Esses três movimentos (sarau, hip-hop e *slam*) de maneira geral caminham lado a lado e contribuem um com o outro. Os saraus de maneira mais forte, pois foi através deles que se iniciou a popularização da poesia no espaço da periferia. Antes e até hoje, é através dos saraus que se discute sobre questões políticas, ideológicas e culturais. O *slam* ganha grande força, pois, segundo D’Alva (2019), é uma maneira de reunir as comunidades, criar oportunidades e dar voz e escuta as urgências e necessidades que existem para a grande população desse nosso país, além de ser um espaço onde se visa o processo de formação educacional, cultural, pessoal e artístico de seus participantes.

Os *slams* têm características próprias a depender do lugar onde ocorrem, mas de forma geral se configuram a partir das regras apresentadas acima. O Brasil já conta com um campeonato nacional, o *Slam-BR*, que acontece anualmente em São Paulo desde 2014 e participam dele aqueles poetas que foram os vencedores de seu *slam* regional. O vencedor do *Slam-BR* vai como representante do Brasil na Copa do Mundo de Poesia *Slam*, sediada em Paris. Além disso, em nosso país também contamos com um campeonato internacional, o Rio *Poetry Slam*, que acontece desde o ano de 2014, dentro da programação da FLUP- Festa Literária das Periferias (D’alva, 2019).

O *slam* configura-se como mais do que um campeonato de poesia, é um movimento cultural e enquanto movimento consegue ir se moldando e se transformando a partir da realidade dos lugares que passa. Dessa maneira, conforme foi se disseminando pelas comunidades, foi adotando novas características e hoje já contamos com uma grande variedade de estilos de *slams*, tais como: *Slam* do Corpo, primeiro *slam* entre surdos e ouvintes; *Slam* das Minas, onde só podem participar mulheres cis ou trans, estilo sobre o qual falaremos mais detidamente daqui a pouco; *Slam* de duplas; *Slam* Interescolar, realizados por escolas de ensino médio; *Slam* Racha Coração, na qual só podem participar poemas que falem sobre amor, entre outros.

O movimento *slam* se inicia no sudeste do país, mas vai caminhando para diversas regiões do território nacional, chegando até o Ceará. Atualmente em nosso estado contamos com a existência de oito *slams*, sendo eles: *Slam* Violeta, *Slam* entrelinhas e *Slam* da Okupa, localizados em Fortaleza; *Slam* da Quentura e *Slam* das Cumadi, em Sobral sendo este os pioneiros da cena do *slam* no Estado; *Slam* Mandacaru, em Massapê e *Slam* das Minas Kariri, localizado na região do Cariri, tendo integrantes da cidade do Crato e de Juazeiro do Norte. Destes citados, apenas *Slam* das Cumadi e *Slam* das Minas Kariri, tem um recorte de gênero e podem ser classificados como *slam* das minas.

Layze afirma sobre o *slam*:

É uma comunidade do afeto, não só do carinho, do amor, que a gente nutre um pelos outros, até porque nós tínhamos nossas diferenças. É do afeto mesmo de afetar, de como a palavra afeta o outro, mesmo que o outro não chegue a pisar naquele palco e recite, mas de afetar quando ele chega pra mim e diz assim, “ei, eu entendi o que tu quis dizer”, porque impacta, de não ser só ponta de lança, é a lança inteira atravessando. É o lugar que eu sei que eu vou ter 3 minutos para ser ouvida, não é somente sobre ser lugar de fala, é sobre lugar de escuta.

Para as interlocutoras dessa pesquisa, o slam é muito mais do que um espaço de competição, onde há disputa entre os poetas, é lugar de comunidade, afeto, troca, lugar de possibilidade.

A cena do *slam* e as histórias que vieram antes

Pensar o movimento do *slam* como algo cultural e de resistência, que se aproxima e pode ser colocado como parceiro dos movimentos de saraus, nos faz pensar sobre o tipo de literatura que é construída e veiculada por esse espaço, a dita literatura marginal, e com isso, torna-se necessário entender como foi se desenvolvendo esse estilo literário em nosso território.

No entanto, antes de adentrarmos em como essa literatura se desenvolve, é necessário realizarmos um mergulho histórico nos primeiros movimentos de resistência dos negros em nosso país e como esses estão conectados ao fio condutor das resistências que são basilares para os *slams*.

Pensando assim, não seria equívoco da minha parte traçar uma relação que possa estabelecer um entrelaçamento entre esses movimentos literários de resistência que vem da periferia e os quilombos do período da escravização.

Pouco se sabe e se tem escritos sobre os quilombos na história oficial e do que se sabe, as informações limitam-se a estereótipias do que teria sido esse movimento social que veio desde o século XVII e que se manteve funcionando durante três séculos. Dentre as informações que obtivemos em nosso período escolar, você, assim como eu, deve saber da existência do quilombo de Palmares, como um dos maiores e mais conhecidos da história e Zumbi, seu principal representante, deve saber também que quilombo está relacionado a resistência dos negros, pois lá eram onde os negros escravizados em fuga ou liberdade se agrupavam. E fora isso, você deve ter mais informações caso tenha buscado por conta

própria, ou seja, alguém imerso em uma comunidade negra em que a tradição oral de contar histórias aconteça.

Em minhas pesquisas sobre a perspectiva da negritude, me encontro com Abdias do Nascimento, um dos maiores expoentes da cultura negra e direitos humanos no Brasil, professor, poeta, escritor e político, esteve na fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) e também organizou o Teatro Negro Experimental (TEN), dentre outros processos que participou em sua carreira como político. E também, me encontro com Beatriz do Nascimento, mulher negra sergipana que cresceu no Rio de Janeiro, historiadora e que sempre aliou a militância no movimento negro com a vida acadêmica, foi integrante ativa do Movimento Negro Unificado (MNU) e durante as décadas de 70 e 80, debruçou-se nos estudos sobre os quilombos no Brasil e a partir de suas construções intelectuais e científicas que abordaremos essa temática nesta história. Diálogo com esses dois autores para tecer análises sobre o processo de formação e desenvolvimento dos quilombos em nosso país.

Entendendo aqui quilombo de acordo com Beatriz do Nascimento (2021), como uma organização social distinta à vigente, formado por negros livres ou em fuga, que se desenvolvia paralelo ao sistema social dominante da época, e que em seu desenvolvimento passou a alimentar o sonho de liberdades dos escravizados e “se identifica como instrumento ideológico contra as formas de opressão” (Nascimento, 2021, p. 163).

Em seus escritos, Abdias Nascimento (2019) e Beatriz Nascimento (2021) vão apresentando os quilombos como grandes estruturas de Estado, pelas relações que conseguiam fazer entre as autoridades coloniais e dado a sua extensão territorial e habitacional, onde em Palmares, e também nos quilombos de Minas Gerais e outros, tinha cerca de 20 mil habitantes. Além disso, enfatiza que para além de um sinônimo de rebelião, este também foi um espaço de interação e construção de organização social, como afirma:

inegável o caráter de reação dos negros quilombolas ao regime escravista..., mas uma dinâmica da história duradoura (no tempo) dos quilombos necessita de uma compreensão - na qual a complexidade das suas instituições e a evolução da sociedade global sejam vistas como processos interacionais- para que se entenda sua particularidade como sistemas sociais autônomos em relação à sociedade global. (Nascimento, 2021, p. 114)

O exemplo de Palmares, com sua enorme população e extensão, uma terra que pertencia a todos os habitantes daquele espaço e que foi resultado de um trabalho coletivo, com uma plantação agrícola diversa e uma eficiente organização social e política, colocou em xeque a estrutura vigente da colônia, tanto do exército, quanto da igreja, resistindo a cerca de 27 guerras e mantendo sua existência durante um século: de 1595 a 1695 (Nascimento, 2019).

Para Nascimento (2021) é possível pensar uma linha de continuidade histórica que se inicia nos quilombos como forma de resistência organizada dos negros, até à organização das favelas na atualidade. Em sua pesquisa tem acesso aos documentos de correspondências do chefe de polícia do Rio de Janeiro com o ministro da Justiça e Negócios Interiores do século XIX, onde é possível observar vários territórios da época em que se localizavam quilombos, e que atualmente são favelas ou ex-favelas.

A importância dos quilombos para o povo negro está para além de uma perspectiva de rebelião, é um espaço de encontro, de desenvolvimento de um modo de vida específico que não aquele forçadamente imposto pelo colonizador, construindo e reconstruindo uma organização social, tendo em vista que estes eram habitados por pessoas negras dos mais diversos países da África e que por isso, tinha etnias e formas de organização distintas.

Existia a "paz quilombola", termo atribuído por Nascimento (2021), que se referia aos períodos entre os movimentos de ataque ou repressão que os quilombos sofriam. Para a autora, esse período de antes e depois das batalhas são os mais importantes de serem

descobertos e narrados, pois ali podemos perceber um Estado funcionando e produzindo, sem se utilizarem das formas de opressão vivenciadas pelo regime escravista da época. Era um lugar de produção, de plantações, produção de armas e comercialização de produtos com vizinhos fazendeiros.

Creio que se o escravo negro brasileiro tivesse podido deixar um relato escrito, com certeza teríamos mais fontes da *paz* quilombola do que da guerra. Essa paz está justamente nos interstícios da organização quilombola e exige-se, sobre ela, um esforço de interpretação maior com o qual se ultrapasse a visão do quilombo como a história dos ataques da repressão oficial contra uma outra organização que talvez na *paz* ameaçasse muito mais o regime escravocrata do que na guerra. O antes e depois da guerra dos quilombos é que necessitam ser conhecidos. O reduto de homens livres, se relacionando com os outros homens livres ou não da sociedade brasileira (...)

Enfim, o Estado negro, que pelo menos uma vez foi largo tempo vitorioso.

(Nascimento, 2021, p.133)

Apesar dos esforços e estratégias para impedir que as histórias dos quilombos ultrapassassem seu tempo de existência, foi através de estudos e da oralidade que essa história foi sendo passada de geração em geração. As manifestações culturais em territórios anteriormente quilombolas são verdadeiras formas de guardar a memória das histórias dos quilombos, como por exemplo: a dança quilombo em Alagoas, a Congada em Minas Gerais, o Caxambu, a Folia de reis do Rio de Janeiro e de Minas, a capoeira e o próprio *slam*, tendo em vista que em diversos poemas a história do povo negro é resgatada.

Sou descendente de Zumbi e de Dandara. Sou mulher guerreira e injuriada. Venho aqui para cobrar tudo que nos foi negado há 500 anos. Racistas não passarão! Racista não passarão! Se preparem, brancos! Vou cobrar a minha mãe sendo estuprada nas senzalas e nas madrugadas, vou cobrar meu pai sendo jogado do navio por resistir à

escravização. Se você não escutou, vou repetir: sou descendente de Zumbi, eu vou cobrar a morte de meus irmãos. Racistas não passarão! Se preparem, brancos! Sou descendente de Zumbi e Dandara, sou mulher guerreira e injuriada. Comece a rezar para o seu deus que eu queira usar um diploma e não uma arma para te derrotar nessa batalha. (Negafya, 2019, p.183)

A memória oral, para a psicóloga social Ecléa Bosi (2004), aparece aqui como uma possibilidade de ser o avesso da história política hegemônica e que constitui as “crônicas do cotidiano” (Bosi, 2004). A memória que se apoia apenas em documentos oficiais não consegue dar conta das perspectivas da história dos oprimidos. Dentro da história cronológica, existe uma outra mais densa e individualizada, da qual é possível “tirar força para a formação da identidade” (Bosi, 2004, p.16). Acessar e buscar memórias dos quilombos e personagens de destaque da época, como Zumbi por exemplo foi, segundo Nascimento (2021), um dos recursos utilizado pelo movimento negro da década de 70, para que fosse possível o resgate da ancestralidade e recuperação da identidade negra e isso pode ser encontrado atualmente nos poemas das mulheres do *slam*.

Para Bosi (2004), a partir dos estudos de Bergson (1990), a memória oral aparece também como uma forma de apropriação do discurso e possibilidade de reviver o fato que está sendo narrado. “O quilombo é memória, é história, é o ser(...) é o espaço que ocupamos. Quilombos somos nós. Somos parte do Brasil. Esse Brasil democrático, revolucionário que ajudamos a construir” (Nascimento, 2021, p. 241).

Os núcleos de quilombos foram se modificando ao longo do tempo, principalmente, após a queda do sistema escravista, onde essas regiões que antes correspondiam ao território de quilombos, foram sendo procuradas e habitadas por sujeitos negros e que na atualidade resultam nos territórios da periferia ou favela (Nascimento, 2021). Dentro desses espaços

territoriais formam-se comunidades e estas passam a produzir modos de vida e organização social.

Diante das diversas problemáticas que abrangem as regiões e os seus moradores, tais como violência racial, falta de saneamento básico, baixa escolaridade, moradias insalubres, surge a necessidade de ações que mantenham esse povo vivo e pulsante de esperança. As memórias dos tempos de quilombo, sua força e utopia, aparecem como marca que mobilizam essas comunidades e a partir disso criam-se ações de resistência na luta antirracista, e dessa forma aponto o *slam* como uma delas.

Portanto, é possível pensar que a história de resistência do *slam*, tem em seu berço a força dos negros quilombolas, que apesar do regime escravista da época, conseguiram criar estruturas sociais onde foi possível experimentar uma vida diferente daquela a que foram condenados ao serem sequestrados em território africano. Força esta que dá início a comunidades negras, atualmente, favelas e que seguem criando repertórios de resistências frente ao sistema racista opressor que ainda incide sobre os corpos negros e que serve de combustíveis para os versos que dão sentido as poesias declamadas nos *slams*.

Tendo essa memória social como pano de fundo para o teor de resistência dos *slam*, podemos voltar ao pensamento inicial e pensarmos a perspectiva da literatura marginal, o movimento hip-hop e o quanto a oralidade tem papel fundamental na propagação que o *slam* tem na atualidade. Os estudos que tomaremos como base para compreender e analisar a literatura marginal será o de Érica Peçanha do Nascimento, em sua dissertação intitulada: *Literatura marginal: os escritores da periferia no centro* (2006) e também as discussões sobre letramentos, cultura hip-hop e relações raciais de Ana Lúcia Silva Souza.

Segundo Nascimento (2006), o termo marginal, quando associado à literatura, pode ter diversos significados e usos a depender de quem está falando sobre ele e da época em que isso é visto. Ao longo do tempo foi ganhando diversas interpretações, tais como: obras que

não estavam no centro do comércio editorial, ou obras literárias que se recusaram em usar a linguagem instituída da época ou os valores atribuídos à elas, ou até sob outro ponto de vista, aquelas obras que não estão na lista dos clássicos nacionais ou na literatura dita universal, ou por último e talvez o mais importante para essa história, o emprego do *termo literatura marginal* vinculada a obras de pessoas que estão em condições de marginalidades, pertencentes a grupos minoritários tais como negros, público LBGTQIA+, mulheres etc.

No Brasil, segundo a autora, o termo literatura marginal começou a ser mais difundido a partir da década de 70, diante do cenário da ditadura militar, onde existiram movimentos de rebelião e resistência frente ao contexto em que vivíamos, foi possível ver isso na música, no cinema e também na literatura. Nascimento (2006) destaca um importante estudo realizado pelo etnógrafo Messeder Pereira, em 1981, que foi um participante ativo do movimento de poetas literários da década de 70, e em seus estudos explora a apropriação do termo “literatura marginal” que os poetas foram realizando à medida que as mídias lhes denominavam dessa maneira.

A literatura produzida por esse grupo de poetas de classe média buscava subverter os padrões da época e se ligavam diretamente as perspectivas culturais, deixando de lado as grandes editoras e impressões padronizadas, realizando um trabalho mais manual e de divulgação própria, com o uso de livretos mimeografados que eram vendidos em bares, cinemas, praias e que aos poucos foram ganhando destaque nos muros, camisetas etc. Os textos eram marcados pelo tom irônico, pelo uso da linguagem coloquial e do palavrão; e versavam sobre sexo, tóxicos e, principalmente, cotidiano das classes privilegiadas (Pereira, 1981, como citado em Nascimento, 2006).

Em contraponto a esse movimento da década de 70, nos anos 2000 inicia-se um novo movimento que também se apropria desse termo literatura marginal e é este grupo e esse período que nos interessa aprofundar nesta história. Nascimento (2006) traz em sua pesquisa

um personagem que em meados dos anos 2000, adicionou um novo significado ao termo literatura marginal, este é Reginaldo Ferreira da Silva, ou Ferréz, como ficou conhecido. Ferréz é um escritor, romancista, cronista e poeta brasileiro, que tem suas bases na cultura do hip hop. Morador do Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo, começou a ter notoriedade a partir do lançamento do seu romance *Capão Pecado*, onde nele apareciam as experiências sociais que viveu em seu bairro.

Segundo Nascimento (2006) Ferréz, começou a intitular sua obra como literatura marginal, pois percebia que sua escrita em nada se parecia com o que estava no centro do comércio literário da época e que ao escrever com uma linguagem coloquial, que falava das experiências daqueles que estavam à margem, o termo parecia lhe fazer sentido. Em 2000 começou a colaborar com a revista *Caros Amigos*⁷ e lá foi ganhando notoriedade e conseguindo contribuir para o lançamento de outros autores que também escreviam literaturas marginais.

Em 2001, Ferréz conseguiu patrocínio para lançar junto a revista *Caros Amigos*, uma edição com o projeto *literatura marginal* e o sucesso do primeiro lançamento fez com que mais duas outras edições fossem lançadas em 2002 e 2004. A ideia era publicar coletânea de textos de autores da periferia, aqueles que estavam à margem da sociedade, invisibilizados e silenciados. A primeira edição reuniu dez autores homens, em dezesseis textos.

Por estarem diretamente relacionados com a cultura hip-hop, tornar-se necessário destacar o poder de resistência que esse movimento vem oferecendo para a população negra brasileira desde meados dos anos 80, segundo Ana Lúcia Silva Souza (2005-2012) o

⁷ A revista *Caros Amigos* foi criada em 1997 pela Editora Casa Amarela, com a proposta de apresentar entrevistas com personalidades de opiniões “críticas” e “independentes” sobre o meio em que se destacam. Os temas abordados são classificados como de interesse geral, mas privilegiam as áreas política, econômica e artística. Com circulação nacional e periodicidade mensal, a tiragem média produzida é de cinquenta mil exemplares. Ocupando o espaço deixado pelos periódicos “alternativos” ou “nânicos” da década de 1970 (como o jornal *Pasquim* e a revista *Realidade*). A primeira edição especial publicada pela revista data de setembro de 1998 e teve como tema o movimento hip hop – que voltou a ser matéria de outra edição lançada em junho de 2005. (Nascimento, 2006, p.21)

movimento apresentava-se nesse período com o protagonismo de jovens negros da periferia que traziam em seus discursos denúncias sobre as violências sofridas em seu cotidiano e as vulnerabilidades as quais eram submetidos, bem como também expressões de arte

materializadas em quatro elementos: a dança de movimento quebrados; o grafite da arte em desenhos coloridos com técnicas e suportes diversos; a palavra cantada do Mc, o mestre de cerimônias que leva as mensagens ao público e o DJ que cuida da manipulação de aparelhagens eletrônicas (Souza, 2012, p. 7).

O movimento do hip-hop desempenhava um papel educativo, pois é um espaço cultural e político, onde existe um “desenvolvimento de práticas socioeducativas e de autoafirmação da cultura negra e, de maneira singular, reinventam histórias também de outras produções: maracatu, jongo, maculelê, congadas, samba, a depender dos lugares onde se desenvolve” (Souza, 2012, p. 7).

Nesse processo cultural, é possível descortinar formas de desenvolver conhecimento, bem como os aspectos históricos da cultura afro-brasileira, algo que é fortemente hostilizado ou não mencionado nos espaços escolares, por exemplo. Para Souza (2012), o envolvimento dos jovens com a cultura hip-hop proporciona um processo de autoformação que lhes permite intimidade com a linguagem, tanto escrita, quanto oral e imagética e ao mesmo tempo, lhes insere em um coletivo e em um social para pensarem e sonharem com as suas necessidades e desejos, usando da linguagem para atribuir significado e ação ao que se sente.

Dentro do movimento aquilo que tem mais destaque é o rap, que é o ritmo e rima, que apesar de não ser algo universal e homogêneo, em sua grande maioria, elabora letras que revelam as situações de conflitos e violência que assolam a população negra, pobre e excluída, bem como também letras que exaltam o povo negro e a nossa cultura. Temas esses que muito se assemelham aos apresentados pelas participantes do *slam*, que assim como os escritores da literatura marginal dos anos 2000, representam hoje essa escrita marginal

contemporânea da nossa sociedade e que agora se utiliza das mídias, tais como *Instagram* e *Youtube* para veicular seus escritos, assim como produções de livros independentes, físicos ou digitais em editoras cooperativas.

Para Abdias do Nascimento (2019), a forte ofensiva a qualquer organização de cultura negra, fez com que o quilombo fosse se organizando de outras maneiras, assumindo modelos de organização permitidas ou toleradas pelo estado. Dessa maneira podemos pensar como os clubes, as irmandades, centros, escolas de samba, gafieiras, tornaram-se os quilombos legalizados pela sociedade dominante, mas todos com uma função social de sustentação da comunidade africana da época, uma forma de não esquecermos quem somos.

Hoje, podemos observar que tanto o slam, quanto o movimento hip-hop carregam em si a ancestralidade dos quilombos, pois circundam-se como espaços de resistência, de comunidade, desenvolvida e sustentada por jovens, para os jovens, desenvolvendo e ampliando seus repertórios sociais e políticos, tecendo possibilidades de reescrever uma nova história para o nosso povo negro brasileiro, imprimindo mudanças significativas nos modos de agir e de se posicionar diante do mundo (Souza, 2005-2012).

Slam das Minas e o protagonismo das mulheres negras

Dentre as informações que podemos destacar do percurso da literatura marginal, é que esta, assim como a literatura universal, começou a ser apresentada a partir do ponto de vista masculino, em nenhuma das três edições publicadas pela revista *Literatura marginal/ Caros Amigos*, conseguimos localizar escrito de mulheres e esse será o ponto que guiará a discussão neste tópico da história.

Ter consciência dessa informação, não tira o brilho e a importância que as edições da revista tiveram para os autores periféricos do nosso país, nem para o desenvolvimento desse campo literário e muito menos suas contribuições para o movimento negro, mas chama atenção para o fato de que esse espaço em suas três edições, não conseguiu dar conta de

abarcam a experiência e as escritas de mulheres negras e isto é um processo que não aconteceu exclusivamente dentro do universo da literatura marginal, em suma, a exclusão da mulher negra acontece em nossa sociedade nas mais diversas áreas e escancaram aqui a dupla opressão que atravessa suas vidas, o racismo e o sexismo, que justapostos compõem suas experiências de vida.

Os *slams* ao chegarem aqui no Brasil, se organizavam de maneira mista, ou seja, tanto homens quanto mulheres poderiam participar dessa cena. No entanto, ao longo do tempo, insatisfações começaram a surgir entre as poetisas que participavam dos eventos mistos, pois nesses lugares tornava-se insustentável e perigoso recitar poesias que denunciasses violência doméstica, machismo ou outras formas de opressão de gênero, pois, como em grande maioria os participantes dos eventos eram homens, temas como esses não eram legitimados ou não ganhavam tanto destaque. Entrevistadas do *slam* das Cumadis afirmam “quando recitávamos algo sobre assédio sexual ou violência, diziam que a gente era doida, que era coisa da nossa cabeça” (sic).

Mesmo dentro de um movimento cultural, que se propõe a romper com as barreiras de opressão, que traz em seu processo perspectivas de resistência e consciência social, o silenciamento da fala de mulheres surgia, pois suas questões não conseguiam ser legitimadas dentro da cena. Um exemplo disto, foi no campeonato nacional *SLAM-BR* de 2015, onde na primeira rodada havia mais mulheres do que homens, apenas uma mulher passou para a segunda fase e nem chegou até a final, assim como afirma a *slammer* do Slam das Minas SP, Carolina Peixoto, em entrevista ao site *Escrevendo o futuro*: “Logo entendemos que, se não há espaço que nos valorizam, nós devemos criá-los” (Duarte, 2019, p. 11) e cria-se o *Slam* das Minas, evento exclusivo para mulheres cis e trans.

Pensando que as mulheres as quais eu estou me referindo aqui são majoritariamente negras, torna-se necessário que coloquemos nossas lentes interseccionais, para pensarmos

suas experiências e explicarmos a importância da existência do *Slam* das Minas. A Interseccionalidade, segundo as autoras Collins e Bilge (2020) consiste em expandir nosso campo de visão, para investigarmos as relações de poder que incidem sob a organização da nossa sociedade e, portanto, na vida cotidiana de cada uma de nós. “A interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente” (Collins & Bilge, 2020, p. 16-17). Ela surge da crítica feminista negra aos atos do racismo e da opressão de gênero que violentam e silenciam há muitos anos a vida das mulheres negras em nosso país.

Portanto, nos convida a perceber a interação existente entre todas as categorias identitárias que compõem um sujeito e se propõe a ser mais do que uma ferramenta de descrição, é analítica. Esse termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (1986) uma intelectual afro-estadunidense e foi desenvolvido dentro da teoria feminista negra.

Crenshaw (1991), nos traz a reflexão a respeito da necessidade de pensar as pautas das mulheres negras de maneira interseccional, pois apresenta em seu texto as armadilhas que podem aprisionar e reforçar a experiência de opressão das mulheres negras dentro do movimento negro e dentro do movimento feminista universal. Assim, como Crenshaw, a autora brasileira Lélia Gonzalez (2020) também evidencia essas armadilhas. Ambas apresentam que, quando pensamos a estrutura do movimento negro em sua origem, as pautas e lutas levantadas para o povo negro, diziam respeito a experiência e o modo de vida dos homens negros. E no movimento feminista universal, as pautas que eram levantadas diziam respeito e estavam endereçadas aos modos de vida de mulheres brancas, ou seja, “muitas das experiências que as mulheres negras enfrentam não são classificadas dentro das fronteiras tradicionais da raça ou discriminação de gênero” (Crenshaw, 1991, p.2).

Torna-se possível exemplificar essas armadilhas, quando Gonzalez (1982), que foi uma das fundadoras do movimento negro e que estava por dentro de todo o seu processo de expansão pelo país, relata em seus escritos a falta ou a dificuldade que as mulheres negras tinham de estar participando ativamente das atividades do movimento, pois para essas mulheres, eram designados o trabalho doméstico e o cuidado da casa. Dessa forma, de maneira externa o movimento lutava por condições melhores para as pessoas negras em geral, mas internamente reproduziam uma estrutura de opressão que deixava de lado as pautas que envolviam especificamente a experiência das mulheres negras no tocante ao gênero e à raça.

Crenshaw (1991) também reforça essas ciladas, ao exemplificar a dificuldade que o movimento negro dos Estados Unidos tinha em lidar com os casos de violência doméstica e estupro intra-raciais. Essa dificuldade surge em decorrência do mito do negro estuprador, algo intensamente difundido nos Estados Unidos e em outros países, principalmente entre as décadas de 30 e 80, que levou diversos homens negros à pena de morte, muitas vezes fundada em acusações falsas. Casos midiáticos vieram à tona, como por exemplo, o caso da corredora do Central Park, em 19 de abril de 1989, onde cinco adolescentes, quatro negros e um latino foram acusados de estuprar e agredir Trisha Meili, os adolescentes foram coagidos durante horas intensas de interrogatório a assumir a autoria do crime e só depois de 13 anos, o verdadeiro culpado veio à tona. Segundo Davis (2016), “dos 455 homens condenados por estupro que foram executados entre 1930 e 1967, 405 eram negros” (p.117).

Compreendendo a existência deste mito e as ações racistas que ele promove para a experiência dos homens negros, o problema acontece, segundo Crenshaw (1991), quando o movimento negro direciona suas ações para lidar com os casos de violência doméstica ou estupro centrando-as exclusivamente em defender os homens negros, na tentativa de não reforçar o mito do negro estuprador e acaba fechando os olhos para as experiências de violência intra-racial que acontece cotidianamente em suas comunidades.

Nesse momento, é possível perceber que o movimento negro tende a fracassar se não contemplar a experiência das mulheres negras que deles participam e isto leva Gonzalez (1982) junto de outras companheiras a começarem a pensar internamente a necessidade de se reunirem e discutirem questões que diziam respeito as suas experiências e a desenvolver em assembleia durante os eventos do movimento negro, políticas internas que trabalhassem as questões a “dupla militância” das mulheres, onde de maneira externa lutam junto dos homens negros contra a discriminação racial, mas internamente enquanto movimento, precisam pensar questões referentes ao machismo e ao patriarcado que incidiam dentro de suas relações internas.

“A necessidade de dividir as energias políticas entre dois grupos, às vezes opostos, é uma dimensão de falta de poder interseccional que os homens não-brancos e as mulheres brancas raramente enfrentam” (Crenshaw, 1991, p. 7), porém é algo vivido cotidianamente por mulheres negras. Estarem sendo perpassada por duas categorias identitárias que muitas vezes reforçam opressão uma para com a outra, torna o lugar de resistência dessa mulher negra um tanto difícil, problemático e muitas vezes paradoxal.

Se pensarmos o lugar da mulher negra dentro da perspectiva do feminismo, vamos nos deparar com um feminismo originalmente branco, que leva em consideração as pautas endereçadas ao estilo de vida e anseios das mulheres brancas. Carneiro (2003), nos conta um pouco do desenvolvimento do feminismo em território brasileiro e como este teve impacto fundamental no cenário das políticas públicas, ao ter, por exemplo, como uma das principais pautas a luta contra a violência doméstica e contribuir para o desenvolvimento de delegacias direcionadas ao atendimento do público feminino vítima de violência, a criação da Lei Maria da Penha, a criação de abrigos de proteção às vítimas, dentre outras ações.

No entanto, apesar de um caminho próspero e revolucionário, assim como em outros movimentos sociais, o feminismo estava alicerçado em ideias “eurocêntricas e

universalizantes das mulheres” (Carneiro, 2003, p. 118), e isto culminou no silenciamento e na invisibilidade das pautas de outras mulheres que estavam sendo agredidas e silenciadas por opressões de outra ordem, para além do sexismo, como as experienciadas pelas mulheres negras.

Carneiro (2003), utiliza a expressão, *enegrecendo o feminismo*, para abordar os percursos das mulheres negras dentro do feminismo no território brasileiro. Nas lutas por espaços de trabalho e igualdade salarial, a questão da raça deixava as mulheres negras em última posição nesse cenário. A autora aponta os estudos de Márcia Lima (1995) sobre Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras, onde 48% das mulheres negras estavam em serviços domésticos e que a expansão do mercado de trabalho não teve grandes avanços significativos para essa categoria de mulheres, pois essas mesmo tendo acesso à educação e conseguindo romper a bolha das classes baixas, só conseguiam empregos em atividades de menor rendimento e com menor reconhecimento no mercado de trabalho, enquanto às mulheres brancas que tinham acesso à educação, conseguiam serviços com remuneração bem maior e com maior visibilidade.

Diante desse cenário, denota-se que ao não englobar as pautas das mulheres negras em suas lutas, o feminismo universal tende a fracassar e reproduzir violência intra gênero e inclusive, reforçar práticas racistas que corroboram com o silenciamento das mulheres negras. A estrutura é criada para que essa mulher negra não consiga falar. Máscaras de silenciamento (Kilomba, 2019), perpassam a experiência dessa mulher, pois o opressor sabe que ao deixá-la falar, ouvirá segredos e verdades difíceis de engolir. “Segredos como a escravização, segredos como o colonialismo, segredos como o racismo” (Kilomba, 2019, p.41), que muitos dizem não existir ou vivem como se isto nunca tivesse acontecido.

Traçar esse pensamento a respeito do movimento negro e feminista e as categorias identitárias que eles promovem, raça e gênero, apesar de apontar suas feridas, enaltece a

genialidade do olhar interseccional desenvolvido por mulheres negras. Essa discussão não tem como intenção desmerecer os avanços que foram produzidos e conquistados por ambos os movimentos, mas de situar que mudanças precisaram e ainda precisarão acontecer dentro de ambos para que deem conta da multiplicidade dos sujeitos que deles participam.

Além disso, esta discussão inicial serve de base para entender o contexto de criação e desenvolvimento do *Slam* das Minas e olhar interseccional que este carrega, ao ser um espaço que oferece às mulheres, principalmente, as mulheres negras, um local de encontro, partilha, cuidado e construção de vínculos afetivos. Neste espaço é possível trazer à tona os mais diversos tipos de conteúdo poéticos, pois sabe-se que diante dali existe um público disponível a ouvir e acolher o que é recitado. É local de resistência e aquilombamento e por isso é potente e vivo.

Sob esse olhar interseccional e de resistência, a poesia aparece para as *slammers* dos *Slams* das Minas, como o lugar para trazer à tona os segredos, as violências, dar nome ao que se vê todos os dias, denunciar os abusos cotidianos que são vistos como naturais. Para as mulheres, a poesia não é luxo, afirma a poeta e intelectual negra Audre Lorde (2020), para nós, escrever é uma necessidade da nossa existência. É através da escrita que vamos dando sentido e ressignificando as opressões experimentadas em nosso cotidiano, sendo reveladora da experiência, assim como fazem à exemplo, as poetas Cristal Rocha e Géssica Gomes: “(...) é que o mundo vacilou muito com a gente/povo cresce, tempo passa, mas ainda sinto as correntes/ Pretinha, a força da tua afirmação vai incomodar o mundo.” (Rocha, 2019, p. 51); “(...) quando meu corpo é admirado, hiper sexualizado/ penetrado de forma invisível por olhos e gestos/ sujo por gozo inconveniente provindo da condição em privilégio.” (Gomes, 2021, p. 41).

Segundo as autoras Duarte (2019) e D’Alva (2019), a poesia falada é mais do que uma herança cultural do povo negro, é a memória viva daquelas que vieram antes de nós e ao

recitar os poemas em voz alta e altiva no *slam*, nós mulheres negras estamos compartilhando nossas experiências, construindo novos horizontes e criando pontes que mostram o caminho para aquelas que ainda virão. “Não, eu não falo pelas mulheres, chega de sermos interrompidas/ não, eu não falo pelas mulheres, quero ouvi-las” (Puã, 2019, p.29).

A cena do *slam* das minas, proporciona espaço onde as mulheres podem sair do lugar de objeto para o de sujeito. Sujeitos de sua própria história. “Eu sou quem descreve minha história, e não quem é descrito” (Kilomba, 2019, p.28). E dessa forma, conta-se a história de outro ponto, do ponto quem está à margem da história oficial e universal. O ponto que rompe com o silenciamento imposto pelo colonialismo patriarcal e cria uma nova rota, um novo significado. “Porque me chamam por aí de/Parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom (...)/Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor/Mas um dia gritaram-me: NEGRA!!!/E eu respondi.” (Pereira, 2019, 2:32).

A promoção de espaço para encontro de mulheres e para mulheres, a possibilidade de trazer conteúdos, tais como: violência de gênero, assédio sexual, racismo, entre outros, é o que foi dando corpo ao que chamamos hoje de *Slam* das Minas. Em 2015, surgiu o primeiro *Slam* das Minas DF, no Distrito Federal, idealizado por Tatiana do Nascimento, poeta, *slammer* e cantora, cofundado por Meimei Bastos e Valéria Matos, também *slammers*. A ideia se expandiu rapidamente e ganhou outras versões em diversos estados, primeiramente em São Paulo, em 2016 o *Slam* das Minas SP, depois na Bahia em 2017 e chega aqui no Ceará com o *Slam* das Cumadi em 2018 no município de Sobral, interior do Estado.

***Slam* na região do Ceará**

Para a construção dessa história, entrei em contato com algumas representantes dos *slams das minas* existentes no Ceará tendo como foco a região de Sobral e a região do Cariri. Em Sobral, foi possível encontrar o *slam* das Cumadis, este surge a partir do primeiro *slam* do estado do Ceará, *Slam* da Quentura, que teve início em 2017, é um *slam* misto. Segundo as

entrevistadas Thay Gadelha e Preta (umas das integrantes do coletivo), um *slam* exclusivo para as mulheres, surgiu a partir do interesse de se desenvolver um espaço de reunião para as mulheres, tendo em vista que diante do cenário majoritariamente masculino que existia no *slam* da Quentura, muitas mulheres poetas não conseguiam se sentir seguras a participar. Além disso, na cidade já existiam as batalhas de rima que também eram ocupadas pelo público masculino, ou seja, não existia um movimento direcionado e que conseguisse dar conta dos interesses do público feminino.

Com o intuito de ser um projeto itinerante e que iria se espalhar pelos bairros de Sobral, o *slam* das Cumadis fundado por Cacheada Santos, Fran Nascimento e Layze Martins, foi ganhando grandes proporções e a partir de sua segunda edição em dezembro de 2018, passou a ser realizado no anfiteatro da Margem Esquerda do Rio Acaraú. Segundo as entrevistadas, o projeto não conseguiu sair de maneira itinerante, pela dificuldade de acessar determinados territórios, pela existência de conflitos entre bairros devido à rivalidade entre facções criminosas opostas que existem no território. O *slam* das Cumadis, apresenta-se enquanto um coletivo, que tem como principal objetivo salvar vidas e acolher mulheres. Durante o período de pandemia, não conseguiram realizar muitas batalhas, mas enquanto coletivo de resistência se mobilizaram realizando atividades de oficinas, *lives* etc. mais do que um espaço para batalhas de poesia, é um espaço de formação política e identitária para as jovens que dele participam.

Na região do Cariri, foi possível conhecer um pouco do *Slam* das Minas Kariri. Em entrevista com Natalia Pinheiro, *slammer* integrante do coletivo, de 24 anos, historiadora e residente da cidade do Crato, tomamos conhecimento que o Cariri é uma das regiões mais violentas do estado do Ceará, e em 2018 o índice em relação à violência de gênero foi gritante. Sensibilizadas pelos dados alarmante, junto a um desejo de disseminar a poesia para as mulheres, Natalia e outras mulheres se juntaram e foram formando o *slam* das Minas

Kariri, uma que foi chamando a outra, que sabia que uma escrevia e foram juntas se fortalecendo para construir esse espaço. Todas as participantes já tinham alguma relação com saraus de poesia ou rap, ou seja, já tinham muito contato com esse campo da poesia falada. Este é o segundo *slam* com recorte de gênero do estado do Ceará, atualmente existem cerca de cinco mulheres organizando o coletivo.

A região do Cariri, segundo a *slammer* é conhecida por ter muitos poetas, mas de maneira geral esses poetas são homens. E o *slam* aparece como “casa de acolhimento e encorajamento” (sic), pois como afirma Natalia, assim como foi com ela, existem muitas outras mulheres que escrevem poemas, mas não os recitam para o mundo. O fardo do silenciamento direcionado a nós, mulheres, é longo e pesado e o processo de erguer a nossa voz nem sempre é fácil, “que a gente escreve e sabe que escreve isso a gente sabe, o processo é fazer com que essas mulheres deem voz ao que escrevem” (sic). O *slam* das Minas Kariri, aparece para contribuir nesse processo.

As entrevistadas, interlocutoras dessa pesquisa participaram ou ainda participam dos movimentos de *slam* citados acima e abordaram suas histórias de vida embaladas pela poesia que se cruzam com o movimento do *slam* pelas esquinas e praças da cidade e da vida.

Segundo ato

*... é sobre nem precisar ir buscar longe,
porque as referências estão caminhando do lado
Sobre saber ser grito,
mas também sobre saber ser abraço...
E muito mais do que receber aplausos
É pelo aperto do abraço vindo depois de recitar
Da menina que diz ter se encontrado os meus versos
E que estava precisando me escutar
Para perceber que não estava tão só(...)
(Pinheiro, 2022, p. 31)*

Neste momento, leitores e leitoras, darei início a apresentação das interlocutoras deste projeto, as mulheres poetisas que compartilharam comigo suas experiências, seus escritos, anseios, dúvidas, questionamentos e alegrias. No poema citado acima, poema este de uma de nossas interlocutoras, Natalia Pinheiro, é possível ver que a poesia de *slam* representa muito mais do que um espaço de competição, é espaço de partilha, troca, encontro, afeto-afetação, transformação e que o caminho muitas vezes é por dentro, por dentro de nós, por dentro dos nossos grupos, das nossas relações e por dentro dos nossos afetos.

Vocês terão acesso ao nome oficial delas, pois é a forma como as entrevistadas gostariam de ser citadas nesta pesquisa, afinal são interlocutoras desta dissertação. Vocês conheceram um pouco da Natália Pinheiro, também conhecida como Preta Poeta e Layze

Martins, mulheres estas que aceitaram falar de si, falar de *slam*, falar de poesia e construir conhecimento.

Natalia Pinheiro, preta poeta, tem 24 anos, nascida e criada na região do Cariri, cidade do Crato, integrante do *slam* das minas Kariri. Quando questionada em entrevista “quem é a Natália?” responde:

A pergunta mais difícil da vida, que a gente tenta responder ao longo da vida e nem sei se de fato conseguimos responder em algum momento (risadas). Às vezes eu fico pensando sobre as bios que eu tenho que enviar pros eventos, quem é você em cinco linhas? (risos) Uma pessoa que é completamente encantada pela poesia. É a poesia que tá pulsante na vida, que enxerga nas palavras uma das coisas mais fantásticas que existem no universo, apaixonada por lugar que tem água, principalmente, água doce, porque eu sou uma poeta rio. E no meio disso tudo encantada com a história de tentar entender o mundo e entender as coisas como elas são. Parto de uma criança que sempre foi curiosa para tentar entender as coisas e principalmente o processo que leva as coisas, que nunca acreditou que as coisas acontecem por mágica, por encanto ou por uma força superior.

É uma pessoa extremamente sonhadora, que acredita que dá pra se construir mundos diferentes do que se tem e que vive em função disso em escalas maiores ou menores. E aí eu vou sendo tudo isso, inclusive uma pessoa que não consegue se descrever muito bem e que cria um conceito pra falar de si, eu digo que eu sou uma imensidão transbordante, é mais do que imenso, é o que se derrama para além da imensidão e que não consegue inclusive sintetizar uma descrição de uma bio e nem dizer quem é, mas entende que está sendo isso tudo e mais o que eu ainda vou descobrir ao longo dos dias. Filha de dona Regina e de seu José, é.... professora e aprendiz, e ... é difícil dizer quem a gente é...

Layze Martins, tem 27 anos, musicista, poeta, umbandista, natural de Ipu, interior da região do Ceará, mas atualmente reside em Sobral, pois está na universidade, é ex-integrante do *slam* das Cumadis e se manteve na organização do coletivo até o final do ano de 2022.

Quando questionada sobre quem é a Layze, respondeu:

Eu sou a Layze, tenho 27 anos, sou natural de Ipu, filha da Eloneida, neta da Dolores. Gosto muito de apresentar o nome delas, porque enfim tem muita a questão da minha ancestralidade e tudo que eu sou e que eu carrego hoje é por conta delas né, minhas matriarcas. Sou artista, multiartista assim, trabalho com múltiplas linguagens, é... sou artesã, musicista, também já trabalhei com pintura, trabalho com música como violonista, faço parte de alguns projetos, principalmente projetos que envolvem apenas mulheres.

Tenho minha mãe, que é mãe solo da minha criação. Fui criada também pelos meus avós, a dona Dolores e o seu Raimundo Augusto, que é professor, também fui criada junto com a minha tia que é a Denise e aí depois de dezessete anos minha mãe resolveu me dar uma irmã, que é a Isis Maria, minha joia preciosa, meu bebê. Minha família materna mora no interior, em Ipu e eu vivo em Sobral, devido aos estudos. Hoje eu estou cursando música e moro com uma amiga que também cursa música, mas antes da música cheguei a quase finalizar o curso de Psicologia.

Rompendo com silêncios

Poética Ancestral

Minha poesia rompe silêncios que vêm de longe

Desde quando nos calaram a voz

E trazem dores que não são só minhas

Porque o que sou, eu não sou sozinha

E quando eu grito, é sempre por nós.

Eu sei que o racismo deve ter batido com bem mais força

Na pele da minha mãe, tias, avós

E várias outras que me guiam os passos...

Por elas minha poesia quer ser abraço

Afetos negados a tantas de nós.

E aos poucos esse meu verso que às vezes grita,

às vezes chora

Tem aprendido que sorrir e celebrar a vida

Também é resistir contra esse sistema genocida

Que quando não mata ou prende, chicoteia as costas.

De LGBTQs, mulheres, indígenas, empobrecidos, pretas...

De gente como nós!

E quando aponto a minha caneta, é para irem se preparando

Porque as minas estão se juntando

Os pretos se aquilombando

LGBTQ's se organizando

E vai ser bem difícil não ouvir nossa voz!

Eu sou a voz da carne julgada de menor valor

De corpos tão silenciados

Desde a Colônia objetificados

Quando nos negaram tudo

Inclusive o amor.

E por mais que eu carregue um alvo no peito

Que a “bala-perdida” sempre ache a minha cor

Que o meu corpo seja sempre o suspeito

Eu me recuso a ser puramente dor!

Então “faço questão de botar no meu texto”

O que o Rincon já cantou:
“Pretas e pretos estão se amando”
E se ontem seguíamos chorando
Hoje e amanhã nós seremos calor.
E se o afeto é revolucionário
O afeto preto é bem mais, é salvador!
E Preta, se nós juntas somos imensidão
O nosso infinito é revolução
E por isso o meu peito batuca amor.
(Preta poeta)

O poema que dá início a esse ato da pesquisa é de uma das nossas interlocutoras, Natalia Pinheiro, ou Preta Poeta, como é conhecida no meio do *slam*, essa poesia foi cedida pela mesma, mas também é possível encontrá-la em seu livro, *No mar de silêncios gritei poesia* (2022), decidi iniciar com esse poema, pois através dessa narrativa poética, Preta poeta consegue narrar a sua história, a história de suas familiares, trazer perspectivas e críticas sobre os processos de escravização vivenciado pelos negros e o silenciamento ao qual nossa população foi submetida, afinal foi um poema escrito em homenagem as mulheres de sua família, mãe, avós, tias e irmã. O poema de Preta Poeta, será analisado, montado, remontado e relacionado com outros diálogos e com a sua própria narrativa ao longo dessa pesquisa.

Para as interlocutoras desta narrativa, o processo de escrever fez parte de diversos momentos de suas vidas. Escrever para não se afogar em meio a sentimentos intensos e aterrorizantes, escrever para se comunicar, escrever para criar, produzir, ser. Escrever para se tornar alguém, algo ou para se ver como algo ou alguém. Escrever porque só restava escrever, escrever para si, para os outros, para nunca ninguém ouvir, para o mundo inteiro ouvir.

Escrever, até não conseguir mais, para sorrir, chorar, dar novos significados. Não escrever e ainda sim, escrever sobre a dificuldade de escrever. Escrever para ser e continuar sendo.

Para Natália Pinheiro, Preta poeta, a escrita veio desde muito cedo, ela afirma que em um determinado momento da sua infância recorda-se de sua mãe lhe dizer que pessoas inteligentes tinham sempre papel e caneta na mão e como ela queria ser alguém inteligente, passou andar com isto em todas as suas bolsas. Quando questionada sobre como começou a escrever ainda afirma:

Eu sempre brincava de escrever, eu estava em qualquer canto, às vezes, esperando, eu brincava de escrever. E em outro momento, também como uma tentativa de tentar me comunicar. Eu sempre fui uma criança extremamente quieta, calada, sem conseguir falar do jeito que eu tô falando aqui, então enxergava a escrita como forma de comunicação, então às vezes eu não conseguia falar coisas que eu queria falar e aí eu escrevia, tipo cartas; bilhetes. E também como uma forma de abrir esse lado sentimental. E aí sempre fui escrevendo alguma coisa, adorava as aulas de redação.

O contato com a escrita de poesia surgiu dentro do espaço familiar, por ser da região do Cariri, Preta poeta cresceu ouvindo seus familiares cantando repente⁸, como diz:

A poesia chega pra minha vida principalmente através da poesia cantada do repente, eu cresci ouvindo meus pais e avós ouvindo repente e eu achava uma coisa extremamente bonita, uma coisa cantada e tinha ritmo, tinha envolvimento, então eu gostava daquilo sem saber direito o que era. Uma coisinha cantada, bonita e depois eu fui ver que era poesia de repente. Mas também, a minha mãe adora poesia, ela diz

⁸ A cantoria, também conhecida como repente, é uma arte poético musical comum no Nordeste brasileiro, bem como em locais que receberam grandes contingentes de migrantes nordestinos, como São Paulo e o Distrito Federal. Seus poetas são chamados de cantadores, repentistas ou violeiros, e atuam sempre em duplas, alternando-se no canto de estrofes compostas sob regras bastante rígidas de rima, métrica e coerência temática. Sua característica fundamental é o improviso, ou seja, a criação dos versos no momento da apresentação. A capacidade de sustentar o diálogo poético em apresentações que podem durar horas, respondendo às estrofes do parceiro e a pedidos dos ouvintes, é o aspecto mais intrigante e encantador dessa arte.” (Sautchuk, 2010, p. 167)

que não é poeta, mas escreve algumas coisas. Tinha um caderninho de poesia que em algum momento da minha vida também já encontrei e vi e, às vezes, a gente tava em casa e do nada minha mãe começa a falar algum poema, ainda hoje isso acontece, do nada ela citar alguma coisa que lembrou de algum poema.

Do nada as vezes ela solta “na minha terra tem palmeira onde canta a sábia...” e começa falando os poemas que ela lembra:

Mas a poesia foi aproximada dentro de casa, principalmente, pelo meu pai, minha mãe, meus avós e principalmente pela via da oralidade, de estar como parte do cotidiano, espalhada pelo dia a dia. E aí eu vou me aproximando da poesia, lendo poemas e encontrando outras formas de poesia.

Em sua história de vida, Preta poeta sinaliza suas experiências em uma família de mulheres negras extremamente silenciosas, a elas não foi ensinado a comunicação, principalmente a comunicação de sentimentos, mas ali, se sentia muito, o tempo todo.

Isso é algo apontado e recitado em seu poema Poética Ancestral, quando diz: “Minha poesia rompe silêncios que vêm de longe/ Desde quando nos calaram a voz/E trazem dores que não são só minha/ Porque o que sou, eu não sou sozinha/ E quando eu grito, é sempre por nós”. Aqui é possível perceber que Preta se refere tanto a história que vivenciou ao lado de seus familiares, quanto também a perspectiva coletiva dos processos de violência e silenciamento experimentado pelo povo negro.

Ela complementa em sua narrativa de história de vida:

A gente vem de uma família de mulheres negras que tão muito no lugar do silêncio e de não saber comunicar sentimentos, então... não tem sido aprendido... é uma perpetuação de espaço de silêncio de não saber se abrir pra externalizar sentimento, então é uma coisa muito comum em casa.

Para Layze, a escrita e a leitura também tiveram incentivo familiar, por ser filha de professores, vivia na escola e imersa nos livros, pois sempre ganhava mais livros ao invés de brinquedos.

A poesia, na verdade, a escrita, a leitura, ela sempre foi muito presente na minha vida, como uma boa filha de professor, meus brinquedos eram livros. Até porque brinquedo era muito caro e eu sempre fui estimulada a ler, eu acabava ganhando livrinhos da minha mãe, do meu avô, da minha avó. Aí depois da alfabetização, eu já li muito bem e falava muito bem, eu comecei a ver formas escrita e eu fui apresentada a poesia. De vez enquanto eu encontro na minha casa cadernos com poesias minhas, eu falando de amor com 10 anos de idade, mas era o amor que eu entendia, o que eu via, não o amor romântico, mas o amor que eu vivia. E fui escrevendo, escrevendo.

Assim como para Preta poeta, para Layze, a escrita e a poesia tinham um lugar de desabafo de muitos sentimentos e sensações, descrições e retratos daquilo que viam e sentiam, mas que não podiam ou não conseguiam comunicar. Diz Layze:

Minha relação com a minha família nunca foi de muita comunicação. é... pelo jeito deles mesmo e o tempo da minha mãe que era reduzido. Minha vó também não levava muito jeito pra ouvir, temos vários problemas de comunicação verbal na família. Então, a escrita era o meu meio de conseguir expressar o que eu sentia, o que eu via, as minhas raivas, enfim. Como eu tive que lidar muito nova com o surgimento do meu genitor, aos 7 anos de idade, foi através da escrita que eu consegui segurar as pontas e através de outras artes também. E fui escrevendo, escrevendo, mas era sempre pra mim né, tudo meu, tudo pra mim, tudo guardado a sete chaves. Eu sempre tive muita vergonha de apresentar as coisas que eu produzia, então ficava tudo escondido.

Para Layze, as questões paternas são bem confusas e difíceis de lidar e para ela a escrita e a poesia foram o alicerce para não desmoronar, feitas somente para si e bem

guardadas, pois tinha muito receio de mostrar o que pensava, sentia, de revelar sua experiência.

Existe nesse processo uma questão que é comum a história das interlocutoras e também onde se encontra com a minha. O processo de expor aquilo que é escrito aos outros e o medo de não saber como essa nossa fala será ouvida e se será ouvida, como tudo isso acontecerá. O peso do silenciamento que perpassa a história individual e social da mulher, em particular, da mulher negra se apresenta nessa dificuldade de expor o que se pensa, no medo ao ter seus pensamentos e posicionamentos expostos, no receio em falar alto e erguer a voz. Como isso será ouvido? Que tipo de respostas terei? Será que serei ouvida dessa vez? Faz sentido isso que eu penso?

A poesia traz à tona em forma de palavras, os sentimentos e sensações mais ocultas e íntimas. Escrever se torna a válvula de escape para não se afogar no manancial de sentimentos que as experiências da vida nos causam. Escrevemos para não sermos aniquiladas pelos mecanismos de opressão que tentam por diversas vias silenciar nossas existências e negar a barbárie a qual somos expostas desde o período colonial.

As histórias das mulheres que aparecem aqui são indiscutivelmente singulares e únicas. Se relacionam não somente pela passagem pelo *slam*, mas também por um lugar de silenciamento que outrora vivenciaram. São histórias de mulheres negras hereditárias de nossas ancestrais escravizadas, descendentes de Anastácia⁹, que vivenciaram durante anos o

⁹ O retrato de Anastácia foi feito por um francês de 27 anos chamado Jacques Arago, que se juntou a expedição científica pela Brasil como desenhista. Sem um registro de história oficial, muito se especula sobre a história dessa mulher, alguns afirmam que Anastácia era filha de uma família real Kimbundo, nascida em Angola, sequestrada e levada para a Bahia e escravizada por uma família portuguesa, outros que ela poderia ter nascido no Brasil e esse nome havia sido dado a ela durante o período de escravização. Todos os relatos corroboram em afirmar que ela foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, além da máscara facial que a impedia de falar. Na segunda metade do século XX, sua figura se tornou um símbolo de brutalidade da escravidão e seu contínuo legado do racismo. Ela se tornou uma importante figura política e religiosa em torno do mundo africano e afrodiáspórico, sendo símbolo de resistência. (Handler e Hayes 2009, como citado em Kilomba 2020)

peso do silenciamento em seus corpos e que visualizaram na poesia e no movimento do *slam* a possibilidade de romper com esse ciclo e não sucumbirem à aniquilação.

Kilomba (2020) em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* apresenta uma discussão sobre a máscara de silenciamento imposta a mulheres negras escravizadas do período colonial e como através de relatos e descrições de mulheres negras da atualidade é possível perceber que essas memórias vivas estão enterradas em nossas mentes e ainda nos captura, pois a ancestralidade nos conecta, como recita Preta poeta em seus versos “Porque o que sou, eu não sou sozinha. E quando eu grito, é sempre por nós. Eu sei que o racismo deve ter batido com bem mais força na pele da minha mãe, tias, avós. E várias outras que me guiam os passos. Por elas, minha poesia quer ser abraço. Afetos negados a tantas de nós.”

A máscara de silenciamento abordada por Kilomba (2020), se refere de fato a um objeto concreto parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos.

Ela é composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixada por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. (Kilomba, 2020, p. 33)

Em registros oficiais elas eram usadas para evitar que as/os escravas/os comessem algo das plantações, mas existia um outro uso para esse instrumento, a produção de mudez e de pavor, garantindo assim, que naquele período imperasse apenas a fala do colonizador. Aos escravizados era lhes negado o direito à fala e esta era a representação de todo o processo colonial.

Segundo a autora, a boca é o órgão que simboliza a fala e a enunciação. No desenvolvimento do processo escravocrata este órgão se torna o símbolo de opressão por excelência, se impede a enunciação e, portanto, se controla aquele indivíduo, não entrando em contato assim com o discurso de denúncia da barbárie e da violência de tais atos

cometidos, algo com o qual o sujeito branco não poderia se identificar, pois ao negro está destinado todas as características negativas daquilo que o sujeito branco não é. A boca do sujeito negro deve ser amarrada pois ela enuncia segredos sombrios do sujeito branco, segredos como colonialismo, como o racismo, que o sujeito branco não está disposto a ouvir.

O período de escravização tem seu fim, mas os efeitos psíquicos e estruturais que fundamentam a vivência cotidiano dos indivíduos negros e seus descendentes se mantêm. A eles é negado o direito à cidadania, a eles estão disponíveis a marginalidade e as novas formas de opressão vigentes de cada século. A escravidão acaba e se inicia o processo de desigualdade e meritocracia. Kilomba (2020), nos traz o exemplo do lugar da academia como produtora do silenciamento, ao citar que estudos de sujeitos negros que envolvem a temática racial culturalmente são visto como “militantes demais” “pessoais demais”, “pouco científicos”, ou seja, existe um processo de desqualificação daquele conhecimento produzido, não existe lugar na academia para a produção que vem da marginalidade e pesquisas como esta que você está lendo, por si só, já tenta romper com essas máscaras de silenciamento.

Um ponto necessário de ser exaltado é que dentro da construção da nossa cultura, a negação da fala que incide sobre os corpos de mulheres, pensando aqui mulheres negras, consegue ser ainda mais intenso, porque é atravessado pelo silenciamento que vem do racismo e pelo silenciamento que vem do machismo. A nós, a fala não é o principal ponto a ser estimulado, pelo contrário, nos é ensinado a ouvir, acolher, aceitar. A fala deve ser contida, adequada, correta, assim como nos aponta hooks (2019), porém mesmo diante de todas essas amarras ainda temos muito a dizer, ainda temos muito a gritar e por isso, escrevemos. “Escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto” (hooks, 2019, p. 33).

Audre Lorde (2020) em seus escritos nos traz a perspectiva de rompermos com o nosso silêncio transformando-o em linguagem e ação. Para a autora o medo de falar e as possíveis repercussões disso sempre estarão conosco.

Podemos ficar eternamente caladas pelos cantos, enquanto nossas irmãs e nós somos diminuídas, enquanto nossos filhos são corrompidos e destruídos, enquanto nossa terra é envenenada; podemos ficar caladas a salvo nos nossos cantos, de bico fechado e ainda sim, nosso medo não será menor. (Lorde, 2020, p. 54)

O processo de romper com o silêncio nunca é sem medo da visibilidade, do julgamento, da dor, da morte, porém já vivemos no cotidiano com cada uma dessas coisas em silêncio. Layze nos afirmou que sempre escreveu, mas que sempre guardou seus escritos à 7 chaves, pois tinha medo de mostrar aos demais. Para Natalia Pinheiro, poeta preta, essa história também se repetia, apesar de escrever bastante, a ideia de mostrar para alguém era abominável:

Não, mostrava não (risos). Mostrar também é algo que começou a ser recente e bem mais com a questão da poesia falada, mas antes era escrever só pra sair de dentro e não queria que ninguém visse, inclusive nem dizia que era meu se alguém encontrasse.

Enquanto escrevo esse texto, também sinto o medo percorrendo cada palavra que é digitada nessa folha, mas ainda sim é preciso, me uno a todas essas interlocutoras que constroem essa pesquisa comigo para ter coragem e escrever mesmo com medo, porque não escrever não me livraria dele, não nos livrará. Encontrar a nossa voz, é um ato de resistência como nos avisa hooks (2019) e quando usamos essa voz libertadora nos conectando com qualquer pessoa em qualquer lugar que viva em silêncio. Não estamos aqui apenas para sobreviver, mas sim gozar de uma vida plena.

Lorde (2020) e hooks (2019) concordam que é através da poesia que conseguimos entrar em contato com aquilo que há de mais oculto, antigo e ancestral dentro de nós. Para as autoras, nossos anseios e questionamentos são ancestrais e diretamente relacionados com as experiências sociais que vivemos, sendo através da poesia que conseguimos revelar nossa real experiência. Trata-se da poesia como iluminação, onde conseguimos dar nome àquelas ideias, que antes mesmo de serem escritas não tem nome, mas já são sentidas cotidianamente.

“A poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu”. (Lorde, 2020. p. 47). hooks (2019) nomeia a poesia como o lugar da voz secreta, onde tudo poderia ser nomeado e afirmado, é um discurso transcendente. “feita para transformar a consciência, levar nossa mente e nosso coração para uma nova dimensão” (hooks, 2019, p.42).

Em *Poética Ancestral de Preta Poeta*, ela afirma em uma estrofe:

E aos poucos esse meu verso que às vezes grita, às vezes chora

Tem aprendido que sorrir e celebrar a vida

Também é resistir contra esse sistema genocida

Que quando não mata ou prende, chicoteia as costas.

De LGBTQs, mulheres, indígenas, empobrecidos, pretas...

De gente como nós!

E quando aponto a minha caneta, é para irem se preparando

Porque as minas estão se juntando

Os pretos se aquilombando

LGBTQ's se organizando

E vai ser bem difícil não ouvir nossa voz!

Nesse trecho, Natalia dialoga com hooks e Lorde, pois a luta das mulheres negras não tem sido apenas para emergir do silêncio para a fala, mas também para mudar a direção de para onde nossa fala vai, para fazer uma fala certa, que atraia ouvintes e que seja ouvida.

Algo que também repercute nas estrofes da poesia de Layze, que foi compartilhada em nossos encontros, poesia esta que não tem título, mas no diz assim:

é coisa que gente branca não passa!

é comunidade indígena sendo apagada do mapa!

é sangue de preto escorrendo na vala!

é som de preto de favelado silenciado na própria quebrada!

oprimido achando que nunca vai ser nada!

é trava preta assassinada nas próprias área!

mulher morta e arrastada...

vejam só que desgraça!

é tanta coisa que a maioria aqui não passa,

tem coisa que nem eu passo, mas hoje eu grito porque eles não passarão!

porque tão enterrando os nossos a 7 palmo do chão!

porque o sangue deles escorreu pela vala

e eu não pude fazer nada...

eu só queria desabafar porque eu não aguento mais

vocês vivendo falando de preto morto

surfando no hype da mídia que só anuncia desgraça

mas esquece do mano que morreu na tua quebrada!

é coisa que a maioria não passa...

é tanta coisa e a gente ainda não entendeu NADA!

Layze, em sua poesia, denuncia o histórico de violência sofrido pela população negra periférica e indígena e sobre a naturalização do processo de sofrimento dessas populações, através da poesia expressa a sua forma de lidar com as situações que causam dor e também a sua maneira de escancarar pro mundo outra versão da história. Esta foi uma poesia que Layze já recitou em batalhas de *slam* e também em saraus colocando para o público presente todas essas reflexões através da rima e com a tentativa que esse público possa refletir.

Lorde (2020) afirma “nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para serem ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida” (p.55). Portanto, o cenário do *slam* das minas, aparece sendo um desses lugares, de partilha e afetação construído por todas que atravessam esse local, criando uma atmosfera de possibilidades e transformações. Nesse local nossa voz tem sentido, são exaltadas, ouvidas e aplaudidas. Transforma mini realidades individuais, atravessa os corpos, muda a lente de visualização do mundo, rompe com os mecanismos de silenciamento e incita a fala, ao grito, ao abraço e a transformação. Preta poeta ao ser questionada sobre o que o *slam* trouxe para sua vida, aborda:

Antes de ser slammer eu era uma pessoa completamente tímida, calada, com medo de falar qualquer palavra, e a poesia falada vem rompendo com esse processo de silenciamento que me aprisionava, e que eu ainda sinto o peso do silêncio, mas que era muito mais forte. E a poesia foi rompendo com tudo isso, tem rompido. Inclusive eu continuo recitando para que não prenda eternamente. E isso de colocar a poesia pra voz, veio muito num movimento de escutar minha voz, porque antes eu não me escutava, era silêncio absoluto e com isso a poesia vai me atravessando, possibilitando com que eu pudesse me escutar e que a partir dessa voz escutada, que agora ecoa para outros espaços se gere movimento, que aí outras pessoas escutam e

a partir disso se gera identificação e a gente vai percebendo que não tá tão só nesse processo todo. E aí quando a gente percebe que não está tão só, se alimenta desse “não ta só”, dessa coletividade, desse conjunto para continuar andando, pra continuar se movimentando. E a poesia, acompanhou todo esse meu processo tem sido um movimento de vida, de recuperar uma voz que eu tive que calar, que eu aprendi a calar junto com a possibilidade de ser eu, do modo mais inteiro e do modo mais imenso e do modo mais intenso. E vai sendo como uma possibilidade de libertação de mim.

Para a interlocutora, o espaço do slam é um lugar de troca, de coletividade, ali tem-se a certeza de que será ouvida. Nesse espaço Natalia reencontra sua voz e se liberta, um processo de libertação que é cotidiano e que é vivido novamente a cada encontro e troca de poemas. hooks (2019) nos fala sobre essa passagem do silêncio para fala:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão da nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (p. 38)

Layze em sua história de vida, acaba parando de escrever conforme vai crescendo, porém em seu período universitário, participou como público da segunda edição do *Slam Quentura*, o que reacendeu a chama e o desejo para escrever. Ela comenta sobre sua inserção no movimento do *slam*:

Eu vim retornar a escrita, pelo menos a escrita poética, já em 2017, quando eu vi o slam a primeira vez, foi a segunda slam do slam quentura. e foi nesse dia que eu me encantei pelo movimento do slam, porque também foi um momento que eu conheci as meninas que são minhas referências, como a Cacheada Santos, como a Fran e a

Sabrina Sá, foi quando eu comecei a ver as pessoas e eu pensei, “caramba, eu queria muito fazer isso que eles fazem, eu queria muito conseguir fazer isso”. Ai eu só voltei a escrever, escrever sobre várias coisas aleatórias.

A partir dessas falas é possível pensar que no *slam* a direção para onde essa voz ecoa e o espaço onde ela irá reverberar muda completamente o posicionamento das mulheres, ali existe o processo de identificação, onde dores e alegrias podem ser partilhadas. Temos acesso a isso nos relatos narrativos das interlocutoras, mas também em suas poesias como nos recita Preta poeta:

E por mais que eu carregue um alvo no peito
 Que a “bala-perdida” sempre ache a minha cor
 Que o meu corpo seja sempre o suspeito
 Eu me recuso a ser puramente dor!
 Então “faço questão de botar no meu texto”
 O que o Rincon já cantou:
 “Pretas e pretos estão se amando”
 E se ontem seguíamos chorando
 Hoje e amanhã nós seremos calor.

As vozes podem entoar em só ritmo que rima e conecta no espaço passado-presente-futuro as histórias ancestrais com as histórias das que estão aqui. Layze viveu um pouco disso em sua história percebendo-se enquanto uma mulher negra, ela nos narra:

Foi graças ao slam e também os meus estudos em Psicologia, que eu fui entendendo algumas complexidades da minha vida, entendendo como o racismo atuava na minha vida, comecei a me perceber como mulher negra, mesmo tendo a pele mais clara, de como isso chegava em mim, como que a solidão chegava em mim, como que a solidão chegou na minha mãe, como que essa solidão chegou em diversas mulheres que eu

atendi e como a gente se identificava dessas vivências... foi tudo muito junto, não tem como eu desatrelar uma coisa da outra, acabava que eu usava muito da escrita para pelo menos conseguir lidar com todas essas demandas... e às vezes ressignificar, às vezes só dá um grito mesmo e conseguir colocar pra fora o que eu sentia. E outras vezes, também usar disso pra chegar em outras pessoas que acabavam se identificando com aquilo que eu trazia.

Assim como podemos observar na fala de Layze e nos versos de Natália a história de ambas dialogam na medida em que suas movimentações-corpo que atravessam o *slam* e suas poesias faladas que revela a experiência de solidão, de se perceber como mulher e negra, de se dar conta de processos de violências que perpassam suas experiências, mas também de tantas outras de sua família, vai lhes colocando em um lugar do Eu, de centro. A Layze e a Natália falam de si e se apropriam de si, são sujeitos e não mais apenas objetos de violência e solidão, podem retirar a máscara da Anastasia e gritar, gritar alto, incomodar e fazer algo mudar, dentro de uma, dentro de várias, no mundo.

Layze narra um episódio de sua vida, onde conseguiu transformar em poesia aquilo que lhe afligia e o processo de acolhimento que teve ao partilhar seus versos, ela nos conta:

Em março de 2019, teve a semana da mulher na UVA-Universidade Vale do Acaraú e a gente (Slam das Cumadis) foi convidada pra tá fazendo a abertura do evento. Nesse dia, eu tive uma crise de ansiedade horrível e eu escrevi sobre a minha crise, eu descrevi na poesia a minha crise e eu terminei me acolhendo. Foi uma forma que eu encontrei de lidar com isso e de dizer que ia ficar tudo bem. Quando eu terminei de escrever eu mandei pra uma das meninas e ela disse “você vai recitar”. Fiquei dizendo que não ia, que não ia, mas quando chegou na hora eu acabei botando o meu nome. Acabei recitando a poesia, durou mais de 3 minutos, eu quase tive outra crise recitando, quando eu terminei eu corri pros braços das meninas, é a única coisa que

eu lembro, eu visualizei elas e corri pro abraço, foi até registrado em foto esse momento. E aí quando eu consegui olhar pro público, eu vi muita gente em pé, chorando e eu pensei “meu deus, o que eu fiz, o que tá acontecendo?!”. E aí quando terminou tudo, o pessoal começou a me chamar, me agradecendo pelo que eu tinha escrito, por eu ter colocado aquilo ali pro público, porque era como a pessoa se sentia e não conseguia falar. E teve muito esse rolê de identificação e agradecimento. E esse poema acabou repercutindo muito, as pessoas me paravam na rua, e diziam que me conhecia, que tinha me visto recitando na UVA e tal. Sendo que um dia antes eu tava lá também, só que enquanto palestrante, mas não repercutiu como repercutiu a poesia. E eu lembro de pensar “é acho que eu vou por esse caminho para chegar nas pessoas”

Para Glória Anzaldúa (2000) mulher, feminista, chicana, ativista e escritora, escrever aparece com um ato de criar alma, é alquimia, uma espécie de química da mudança em busca de um eu, de um centro, de resistir sendo um eu e não sendo um “outro”, falar de si e não ser dito. Escrever pode ser perigoso, porque tememos o que pode ser revelado nessa escrita, ela confessa

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora.

Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (p. 232)

Conforme Lorde (2020), a poesia é a reveladora da experiência, mas é nesse ato que sobrevivemos, porque uma mulher que escreve tem poder e é temida. Quando questionadas sobre que tipo de conteúdo poderíamos encontrar em seus poemas, as interlocutoras nos narram que aparecem ali suas experiências, dores, amores, a vida que elas vivem, mas também a vida que elas assistem. Natália, relata:

Tudo que se sente. O que vai sendo sentido de uma mulher, que vai se vendo como mulher negra, que nesse processo também vai entendendo que é um corpo lgbt nesse mundo. Vai sendo essa parte central de construção de identidade-mulher negra que ama outras mulheres e como ela se sente nesse mundo que tá desse jeito. Vez ou outra, vai ter muita discussão racial, porque não dá pra fugir disso, sendo esse corpo desse jeito no mundo, vai ter questões de machismo porque afeta, vai ter questões referentes a violência de gênero, de sexualidade, mas vai sendo muito também a parte afetiva.

Layze também aborda temas como esses narrados por Natália. A poesia aparece como esse lugar de falar de si, no início como forma de dar vazão a sua dor, mas depois vai se tornando um instrumento para se comunicar com o mundo, até mesmo sobre aquilo que é ordinário, cotidiano. Ela nos narra:

Tem muita dor, mas também eu entrei num movimento de falar sobre coisas cotidianas, sem ter que ser só dor, porque me revoltou muito um período, que eu percebia que as pessoas chegavam pra mim e me pediam poesias específicas, às vezes

eu queria recitar sobre minha mãe, eu tenho poesias sobre ela e eu amo falar sobre ela, sobre a Layze de hoje que tem muito a ver com quem minha mãe é.

Eu comecei a escrever sobre a minha vida no terreiro, depois que fiz uma poesia pro Seu Nego Gerson vi que podia escrever sobre outras coisas. Eu não sou só a minha dor, só os meus traumas ou só o abandono paterno que eu vivi e vivo. Eu também sou uma pessoa que ama e é amada, que já odiou viver e hoje ama viver. Eu falo muito sobre tudo, meus processos de reconhecimento, pertencimento, de dar a volta por cima, de maneira bem crua.

Kilomba (2020) nos fala sobre a escrita ser um ato político, aquilo que pode nos tirar da posição de objetos, para sujeitos. Escrever como um ato de descolonização, na medida em que ao escrever nos opomos às posições coloniais que nos querem amordaçadas. Escrever “tornando-se a escritora validada e legitimada e ao reinventar a si mesma nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (p.28). Nos relatos de nossas interlocutoras, é possível vê-las nesse processo de apropriação de si, de reinventar e recontar suas próprias histórias e na medida em que escrevem tornam-se outras possíveis, descobrindo-se a cada rima, que recitam de suas próprias escritas ou que ouvem de uma outra poeta.

A poesia e a escrita, *que vem como grito e a que vem como abraço, porque tem muita coisa para ser quebrada, mas a gente precisa se manter inteira no meio de tudo isso, como no diz Natalia e que se apresenta como uma escrita marginal, que passa pelas encruzilhadas, como diz Layze.*

Terceiro Ato

Identidade metamorfose: novos e velhos aspectos sobre identidade na Psicologia

Aqui, teremos que mudar um pouco a narrativa, pois é necessário mergulharmos brevemente em aspectos teóricos da identidade dentro do campo da Psicologia Social Crítica, por meio dos estudos de Aluísio Lima e Antônio Ciampa, para que então a nossa narrativa possa voltar a fluir enquanto história em movimento. Esse ponto de pausa e reflexão, será uma base para pensarmos processos identitários que perpassam a história de tantas mulheres negras, como eu, como as interlocutoras dessa pesquisa e como você, mulher menina negra que pode estar lendo essa história.

No Brasil, segundo Lima (2012), a temática da identidade teve grande desenvolvimento nas pesquisas da Psicologia Social Brasileira, principalmente, na Psicologia Social Crítica, com a professora Silvia Lane, em meados dos anos 70. Nesse período vivíamos uma crise na Psicologia Social brasileira, pois começava-se a questionar os métodos positivistas utilizados em nosso território que não davam conta da nossa realidade social e fomentavam ainda mais os processos de desigualdade.

Para superar os modelos tradicionais de estudos de identidade, que estavam diretamente ligados a um cenário mais descritivo e estatístico, e apostar em um cenário materialista-histórico-dialético, onde o ser humano é produto e produtor de história, era preciso propor outra forma de concepção do sujeito, na perspectiva de que este se molda e molda a sua identidade a partir do contexto relacional que está inserido, onde o sujeito narra sua história de vida. Além da professora Silvia Lane, Antônio da Costa Ciampa, já 1977, também evidenciava em suas pesquisas que para compreender a identidade não se pode ficar apenas dentro do olhar acadêmico e científico, “é sobretudo uma questão social, uma questão política” (Ciampa,1987, p.127) algo que se aprofundou em sua tese de doutorado.

Nos estudos de Ciampa, em seu livro *A Estória do Severino e a História da Severina* (1987) podemos entender o que ele vai chamar de identidade-metamorfose e a ambivalência que pode ocorrer nesse processo. Pela perspectiva de Ciampa, a identidade se constrói pela influência do social e com isso está sujeita às mudanças que a estrutura social experimenta. “Identidade é história”. (Ciampa, 1987, p.157). O autor então se utiliza de elementos da dramaturgia para explicar o processo de identidade. Para ele, a identidade se apresenta por meio de personagens e na articulação dessas personagens é que vai se construindo a identidade, como por exemplo: personagem filha, mãe, amiga, estudante, poeta, trabalhadora etc., personagens esses que aparecem através e na relação com outro e sempre em articulação com esse outro.

Para Ciampa, estamos sempre em um processo de representar à nós mesmos. A identidade é a expressão de várias personagens e todos articulados é a expressão de um EU, ou seja, nunca conseguimos ser um eu, estamos sempre representando algo de nós em nossas infinitas possibilidades de relação. Essa proposta de pensamento, tem influência dos escritos de George Mead (2010), que nos apresenta a perspectiva de vários *outros generalizados* - sendo esses, as instituições, pessoas, trabalho, o social que nos compõem enquanto sujeito e é nessas relações com esses *outros* que eu estou sempre representando algo de mim. Nunca um eu, em sua inteireza.

Pensando assim, chega o questionamento de Ciampa, como podemos explicar uma identidade metamorfose se muitas vezes permanecemos os mesmos ao longo da vida? Segundo Lima (2010), Ciampa se utiliza da teoria de *self* desenvolvida por George Mead e seu conceito de *outros generalizados*, para explicar como as instituições sociais enquanto *outro generalizado* tendo um caráter opressor, estereotipados e conservador pode acabar desenvolvendo indivíduos aprisionados em identidades fixadas e fetichizadas, que precisam

se manter daquela maneira para serem reconhecidas enquanto sujeitos, afinal, é através desse reconhecimento que nos vemos enquanto sujeitos singulares.

Ciampa (1987), aponta o quanto a sociedade capitalista que é vivida através da ação realizada dos outros generalizados, gerenciando a forma como nos relacionamos, é um dos grandes impeditivos para vivermos identidades livres e emancipadas. Pensando dessa maneira, me vem o questionamento sobre o quanto esses outros generalizados, nesse contexto social que dá base a nossa sociedade fundada em um sistema racista colocou os sujeitos negros no lugar de subalternidade e os brancos em lugar de privilégios, que possibilidade de identidade e personagens então restam aos sujeitos negros?

Por isso proponho, é possível pensar uma identidade-metamorfose dentro do campo da Psicologia Social brasileira na atualidade, sem olhar para a estrutura racista que nos funda enquanto sociedade?

Eu diria que sim, é possível. Mas para essa dissertação é um processo impensável, pois compreendo que produzir uma pesquisa científica que estuda e versa sobre relações raciais nos dias de hoje dentro do campo da Psicologia brasileira, sem mencionar e discutir os efeitos que racismo provoca em nossa sociedade, é falar a partir de um ponto de vista que insiste em não ver a realidade e em continuar silenciando a história de muito. Logo, é necessário um mergulho pela história das ideologias raciais, com os estudos de Kabengele Munanga e pelos estudos de relações raciais desenvolvidas por Neusa Santos Souza, Maria Aparecida Bento e Iray Carone, que trouxeram contribuições para a racialização das discussões no campo da Psicologia.

Kabengele Munanga (2020) em seu livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*, aborda sobre o conceito de mestiçagem na história geral da humanidade e também o seu desenvolvido no contexto brasileiro, traçando uma linha histórica de como os estudos eugenistas raciais contribuíram para a construção e

perpetuação do discurso científico a respeito da inferioridade atribuída aos negros. Para Munanga (2020), o processo de identidade do negro sofre e ainda sofrerá algumas dificuldades, não por uma falta de organização coletiva ou dificuldade discursiva, mas pela construção de uma ideologia racial elaborada pela elite brasileira, no final do século XIX e meado do século XX, que corrompeu e alienou completamente os processos de identidade da população brasileira, com as políticas de branqueamento da população.

Em suas pesquisas, Munanga (2020) aponta que quando está falando de mestiçagem, se refere:

a generalidade de todos os casos de cruzamento ou miscigenação entre populações biologicamente diferentes, colocando o enfoque principal de nossas análises não sobre o fenômeno biológico, mas sim sobre os fatos sociais, psicológicos, econômicos e políticos-ideológicos decorrentes desse fenômeno. (p.27)

Dessa maneira, a questão da mestiçagem começou a ser abordada no Brasil no final do século XIX e os eugenistas brasileiros se valeram de estudos europeus e americanos de sua época e da época anterior para embasar suas discussões. Nesse período a discussão girava em torno de pensar a sociedade brasileira, quem seria essa nação? É possível pensar uma identidade nacional após o fim da escravidão em 1888? Como adicionar a nova categorias de cidadãos, os ex-escravizados negros a essa população brasileira, tendo em vista que o pensamento objetificante a respeito dessa população não havia mudado?

Uma nação que se pensava como branca, agora precisa lidar com os efeitos do período colonial e a pluralidade racial que ele deixou, portanto, raça tornou-se o eixo de discussão nacional nesse período. Dentro os grandes nomes envolvidos nesses estudos estão como nos conta Munanga (2020): Sílvio Romero, Euclides Cunhas, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Edgar Roquete Pinto, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, entre outros. De modo geral todos estavam pensando como converter a

pluralidade racial e as variedades culturais de identidades tão diversas numa coletividade única, numa só nação, num só povo. Em grande maioria, eles tomaram como base o determinismo biológico e acreditavam na inferioridade da raça negra, bem como no declínio do mestiço.

Dentro os citados por Munanga, está Nina Rodrigues, que para o campo da Psicologia, foi um intelectual que deu base para os estudos iniciais da Psicologia, no que diz respeito às discussões sobre massas e multidões. Nina Rodrigues em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* de 1894, aborda que as raças inferiores- indígena e negra- ao realizarem o cruzamento com a população branca, estava colocando a nação rumo ao declínio e severas perturbações psíquicas, pois produzia um tipo de raça sem valor, inferior, o mestiço. Para ele, seria necessária uma modificação na responsabilidade penal, pois a regra de que todos os indivíduos brasileiros são iguais perante a lei não deveria ocorrer, pois indígenas, negros e mestiços não tinham o mesmo grau de consciência que a população branca, não discerniam sobre seus atos, nem tinha habilidades para exercer o livre-arbítrio. Também afirma, que a depender da região onde essa população estava localizada, a degeneração era maior. Para Nina, segundo Munanga (2020), o processo de miscigenação apenas atrasaria o processo de enegrecimento da população, mas não o resolve. Para ele, ao invés de promover o branqueamento, promoveria o enegrecimento.

Caminhando nessa história a partir do desenvolvimento de ideais de branqueamento, entendendo que a mistura entre as raças era algo que fazia parte da história do Brasil, podemos citar Francisco José de Oliveira Viana, o mais referenciado nas discussões sobre ideologia de branqueamento da sociedade brasileira.

Viana se dedicou a escrever e trazer para a discussão a figura do mulato que classificou em mulato superior e inferior. O inferior resulta do cruzamento entre branco e o negro tipo inferior, produzindo um mulato incapaz de ascensão, preso as camadas baixas da

sociedade. E o superior, um cruzamento entre um branco e um negro tipo superior, são aqueles que tem capacidade de se desenvolver e chegar ao processo de arianização, tanto pela cor mais clara, quando pela moralidade. Segundo Munanga (2020), é possível perceber que essa divisão de categoria de mulatos, trouxe ainda mais divisão entre o bloco de pessoas negras, colocando o mulato distante dessa identidade negra, existiam os “disfarçáveis (mais claro) e os indisfarçáveis (mais escuro) e o resto visivelmente negros.” (Munanga, 2020, p.72).

Viana apresenta a teoria que levaria o Brasil a um processo de arianização, entendendo que ao mestiço inferior e os demais negros, seriam eliminados pela degenerescência, ou pela morte, pela miséria moral e física, restariam os mestiços visto como superiores, que eram minoria, e o processo de ascensão social, moral e física, a medida em que nas gerações fosse havendo a clarificação de sua pele. Para o autor, o mestiço superior se eleva na medida em que saía da identificação com a raça negra e se identificava com a raça pura branca, quando deixam de ser psicologicamente mestiços e tomam para si o ideal branco, algo que abordaremos mais à frente com os estudos de Neusa Santos Souza.

Diante do que foi exposto, é possível perceber que para Viana, a existência de um mestiço superior, é apenas um passo no processo da construção de uma comunidade populacional brasileira que um dia se tornará completamente branca, em sua cor, traços, costumes, cultura e organização social. Constrói e reafirma-se nesse período o quanto se identificar com o negro é sinônimo de atraso e de falta de possibilidade de ascensão social e dessa forma vai se configurando de maneira mais intensa o preconceito de cor.

No desenvolvimento dessa história chegamos ao mito da democracia racial, a ideia de que as três raças existentes no Brasil, convivem e dialogam de maneira harmoniosa. Um dos grandes nomes que desenvolve e sustenta essa ideia é Gilberto Freyre, com seu livro *Casa grande e senzala* (1954), nele Freyre reforça a ideia de que negros, índios e mestiços tiveram

grandes contribuições positivas na cultura brasileira, principalmente no que diz respeito a alimentares, moda e gênero. É a que a mistura das três raças, branca, negra e indígena, cria um novo povo, sem barreiras e sem preconceito. O mestiço, em outras teorias visto com desdém, agora é elucidado com o resultado da construção desse povo harmonioso, miscigenado biológico e culturalmente.

Segundo Munanga (2020), essas ideias apontadas por Freyre tiveram grande adesão dentro da comunidade brasileira, principalmente da elite, que agora estava preocupada em manter a organização social tal como estava e mascarar os processos de violência e desigualdade social impostas pelo racismo. Sendo o brasileiro essa mistura de raça harmoniosa, é legítimo que as classes que estão em lugar de pobreza extrema e vulnerabilidade não pensam que isso diz respeito a sua cor ou etnia, mas sim a uma dificuldade individual de desenvolvimento e ascensão social, algo que ainda é levantado hoje em dia com a ideia da meritocracia.

Assim sendo, torna-se necessário destacar que a construção dessas ideologias raciais deixou marcas invisíveis e visíveis na construção social da população brasileira como um todo. De maneira mais enfática, um sujeito negro que se desenvolve a partir da estruturação de um preconceito de cor, que tem seus ancestrais escravizados e deixados às margens dos territórios. O processo de inferiorização que leva à alienação e a negação da própria natureza, daqueles que nasceram com traços escuros, do negro africano e tendo essas marcas como sinônimo de pobreza, violência, primitivo, restam-lhes, muitas vezes, buscar o ideal de branco que lhe foi dado, o ideal de branco brasileiro que em tese se apresenta como aquele que é a mistura de todas as raças, o brasileiro sem barreira e preconceitos.

Para falar dessas marcas visíveis e invisíveis dialogamos com Neuza Santos Souza, em sua dissertação, *Tornar -se negro ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* (1983), que discorre sobre a construção da identidade negra, diante de um

contexto onde era extremamente escassa a produção de estudos sobre a vida emocional das pessoas negras. Atualmente essa produção vem acontecendo, como é o caso dessa dissertação, mas ainda temos um longo caminho pela frente. Para Souza (1983) o processo de tornar-se negro ou a constatação de que ser negro, é mais do que lidar com aquilo que é óbvio, que é facilmente visível e sim:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigências, compelida a expectativas alienadas, mas também é, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (p.18)

Tornar-se negro, não é simplesmente, um discurso que o sujeito passa a utilizar para falar de si, é um processo de reconhecer as mais diversas violências que já sofreu, de compreender que existe uma sociedade que se constrói e tem em sua base instrumentos para lhe destruir, é rever sua história e mudar diversos significados que ela um dia já teve, reavaliar suas escolhas, relações. É um processo de transformação, que perpassa dor, sofrimento, raiva e também reconstrução, realinhamento, potencialidades e conexão ancestral.

Para Souza (1983), a sociedade escravocrata ao colocar o africano na posição de escravo, cria a categoria de negro como raça e demarca seu lugar social, a maneira como será tratado e a inferioridade social a que essa raça estará destinada. Mesmo após a dissolução do sistema escravista e a libertação do povo negro, a pensamento científico, social e cultural sobre a população negra ainda se mantém sob o olhar da inferioridade, pois, a nós negros, foi designado os signos de selvagens, animais, primitivos e ao branco, o benevolente, evoluído, instruído, humano. Ser negro era ser maltratado, ter os piores trabalhos e ser branco era ser bem tratado, ter os melhores empregos.

A autora ainda destaca que, a tentativa de ascensão social e econômica do sujeito negro pós período escravocrata, está diretamente relacionada a tentativa de assimilar padrões brancos, sejam estéticos, sejam de comportamento, é possível perceber a tentativa de um branqueamento do sujeito negro, alisando os cabelos, aderindo à religiões cristãs, casamentos inter-raciais, na tentativa de clarear os descendentes etc., porém esse processo é interrompido e gera sofrimento psíquico, pois esse sujeito negro nunca alcançará esse ideal de brancura, a sua própria marca de pele, por mais clara que seja, lhe impede de acessar isso e a sociedade quando lhe convém aponta sua cor, sempre.

Foi um processo vivido no interior das famílias negras, existia a tentativa de sempre denotar como deveria se portar, para parecer o menos negro possível, pois ser negro em demasia significava sofrer violência, ser aniquilado, os casamentos com negros de pele clara sempre eram celebrados, pois iria haver um branqueamento nos descendentes e fica evidente o quanto essa relação forjou a autoidentificação do sujeito negro. Se assumir como negro portanto não era um processo fácil, afinal, ser negro tratava-se de ser despossuído de qualquer civilidade, dignidade ou valor. Imagine então, crescer entendendo que pelo seu traço de cor, já pré-determinava o espaço por onde você poderia circular, até onde você iria chegar e que por maior que fosse a sua ascensão social, você sempre seria o negro do local, por mais alisado que seu cabelo fosse, por mais clara que sua pele fosse, o mínimo resquício de traço negro que existisse em seu corpo lhe colocava muito distante do ideal de brancura.

O sujeito negro que a autora abordar é esse que assimila, introjeta e tenta reproduzir o ideal branco, ele nasce imerso na ideologia de que ser o branco quer dizer “aristocrata, elitista, letrado, bem sucedido, rico, inteligente e poderoso” (Souza, 1983, p.34), não importa em que contexto, o branco é o modelo a ser seguido. Viver esse processo não é algo fácil, tentar alcançar o ideal de brancura, é se mutilar e se auto violentar cotidianamente, principalmente, dentro de uma perspectiva estética, de alisamento capilar, sofrida pelas

mulheres negras e ainda assim não alcançar esse ideal, e com isso viver a humilhação, a decepção consigo mesma, não há como não viver violência nesse processo e tudo isso gera adoecimento, silenciamento, medo e dor.

Para Souza (1983), quando o sujeito negro se dá conta da impossibilidade de alcançar esse ideal, ele vislumbra duas alternativas: sucumbir e se aniquilar diante dessa ideal de brancura inalcançável ou lutar, ainda mais, em busca de novas saídas, em busca de ideais de eu mais congruentes, honestos, possíveis, que promovam o desenvolvimento e emancipação e não o aniquilamento. Um ideal que para a autora é construído através da militância política, de um processo de autoafirmação, de recuperação de sua autoestima e que lhe coloca em um novo lugar na história e que tira a negritude do antagonismo com a branquitude.

O que se torna interessante de ressaltar, é que diante de diversos estudos feitos sobre preconceito, ou questões de ideologia racial, é sempre o sujeito negro que está em evidência, como se isso fosse um problema do sujeito negro e que a ele é destinado a resolução desse conflito. Maria Aparecida Bento e Iray Carone, em seu livro, *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (2016), nos apontam caminhos que colocam na discussão não só o sujeito negro, mas o lugar no qual fica o sujeito branco, esse que difundiu e sustenta essas teorias raciais e de preconceito.

Quando falamos sobre raça costumamos racializar o sujeito negro, mas nunca o branco, segundo Bento (2016) este só aparece nas descrições como “o modelo universal de humanidade, alvo de inveja e dos desejos dos outros grupos raciais não brancos” (p. 28). O que é ocultado, segundo a autora, é o fato de o sujeito branco ter saído do período da escravidão com uma herança simbólica e positiva de si, com referências que lhe ajudam a manter sua autoestima, o seu autoconceito e uma estrutura social que fortalece seu grupo e valoriza suas características, tudo isso fruto da exploração de quatro séculos de trabalho de um outro grupo, os negros. É um tipo de identidade dependente que existe a partir da relação

de atribuições de características ruins e negativas a outro grupo, características essas as quais os sujeitos brancos não queriam ter.

Dessa maneira, quando pensamos no cenário de discussões sobre relações raciais, o silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana. (Bento, 2016, p.33)

Como foi possível perceber nas sistemáticas dos estudos raciais que Munanga (2020) nos apresentou, existiu uma intensa produção de conteúdo científicos que desmoralizaram e desdenharam do sujeito negro, para exaltar o exemplo de humanidade que era o sujeito branco. Portanto, colocar a branquitude para dialogar nas discussões de relações raciais é denunciar o caráter violento de cada uma dessas teorias e instituições que sustentaram e sustentam até hoje essas ideias.

Morrison, em seu livro *a Origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura* (2019), aborda sobre o quanto o racismo científico, tal como ilustrado nos estudos de Munanga, tem como objetivo identificar um estranho de modo a definir a si mesmo, de caracteriza o escravizado negro como um estranho para que um outro grupo possa se confirmar como normal, como pertencente a uma raça humana. E o menor resquício de empatia e identificação por esse estranho, pode lhe causar a possibilidade de perder o seu próprio status racializado, perder aquilo que o diferencia e o valoriza, podendo ter sua identidade diluída.

Portanto, para os sujeitos brancos se implicar nas discussões raciais, entendendo que quando falamos do racismo, estamos falando das formas de nos relacionar, do cotidiano, de como a sociedade se organiza, é defrontar-se com a responsabilidade e convivência com

diversas violências e se aproximar daquilo que caracterizaram outrora como monstros, animais, primitivos e objetos.

Tornar-se necessário destacar que quando me refiro ao sujeito branco em questão, não estou realizando uma abordagem individual direcionada diretamente a uma pessoa branca, mas sim a um contexto social que coloca esse determinado grupo em posições de privilégio e poder e defendo a ideia de que sendo você desse grupo, independente do seu grau de consciência ou não dos processos que ocorreram ou ocorrem, você está tendo acesso aos benefícios que este grupo lhe traz.

Munanga, Neusa, Maria Aparecida Bento e Iray Carone todos dialogam a partir de seus campos de estudo e nos apresentam uma nova forma de pensar a ciência e a história de como chegamos até aqui. Todos abordam a construção de pensamentos a partir do lugar dos esquecidos, daqueles considerados objetos, revelando uma nova narrativa, que de nova não tem nada, pois sempre esteve ali, mas que não conseguia alcançar os espaços acadêmicos e embora agora estejam dentro desses espaços, ainda assim, tem pouco destaque ou legitimidade.

Essa pesquisa sendo desenvolvida por mim dentro do campo da Psicologia Social, recorreu ao diálogo com esses autores na tentativa de apresentar um novo pano de fundo, ou mais um pano de fundo, que constrói a nossa realidade e molda nossa psiquê. Portanto, é impossível pensar o local social pressuposto e dado aos cidadãos brasileiros, sejam eles negros ou brancos, sem ter na base dessa discussão uma sociedade que foi forjada em ideologias racistas, sustentada pela barbárie, violência e genocídios de muitos, em detrimentos dos desejos e poderes de outros e achar que isso não nos deixou marcas visíveis, invisíveis e inimagináveis, que precisam ser evidenciadas, examinadas e tratadas.

Mulheres negras e suas possibilidades de existência pela resistência da poesia-obra

Eu sei que o racismo deve ter batido com bem mais força

Na pele da minha mãe, tias, avós

E várias outras que me guiam os passos...

Por elas minha poesia quer ser abraço

Afetos negados a tantas de nós

(...)

Eu sou a voz da carne julgada de menor valor

De corpos tão silenciados

Desde a Colônia objetificados

Quando nos negaram tudo

Inclusive o amor.

Preta poeta, declama esse trecho em sua poesia, *Poética Ancestral*, apresentada no segundo ato deste trabalho e através dos versos denuncia o passado violento que colocou os sujeitos negros e de maneira enfática aqui, as mulheres negras em um lugar de silêncio, de objeto de menor valia, lugares que forjam na história dessas pessoas o impedimento de viver o amor e a impossibilidade de ter possibilidades.

A partir do poema, é necessário pensarmos em como a identidade da mulher negra foi se construindo a partir dessa estrutura do racismo estrutural que funda nossa sociedade. A intelectual Angela Davis, defende em seu livro *Mulheres, raça e classe* (2016), o quanto se construiu uma ideia de que o processo de escravização acometeu de maneira mais branda as mulheres negras, quando no entanto, essa mulher era explorada de todas as formas possíveis, desde do seu trabalho de força nas lavouras, como também vítima diversos abusos sexuais e após a proibição do tráfico negreiro passou a desempenhar a função de reprodutoras de mais escravos, tendo seus filhos vendidos como mercadoria.

Sueli Carneiro (2019), em seus estudos, também ressalta a violação colonial perpetuada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e índias como um dos fatores que dá origem ao lugar de identidade que será destinado à mulher negra. À mulher negra é deslegitimado o seu papel na formação cultural e manutenção estrutural da nação, a violência sexual é lida como romance e seu corpo é erotizado. O que poderia ter ficado no passado escravagista, caminha conosco até os tempos remotos, quando pensamos nos campos sociais de trabalho que eram destinados às mulheres negras.

Lélia Gonzalez (2020), também elucida a existência de dois lugares destinados à vida de mulheres negras: doméstica e mulata. A doméstica que se desdobra da condição de mucama vivida no período escravista, nessa posição cabia-lhe a função de manter em ordem a casa grande, como: lavar, cozinhar, passar roupa, costurar, cuidar e amamentar as crianças das sinhazinhas. Após horas de intenso trabalho, ainda restava à essa mulher o cuidado também aos seus próprios filhos, bem como ajudar os companheiros que chegavam das plantações famintos e exaustos. E além disso, era necessário lidar com os assédios sofridos pelo senhor da casa grande.

Gonzalez (2020) relaciona, que nos tempos atuais, essa posição de mucama vai se transformando em uma posição de empregada doméstica, que compõe um grande sustentáculo para a economia e forma de organização da sociedade brasileira. Já a categoria de mulata, ultrapassa o significado tradicional de ser filha de mestiço de preto com branco, e passa a ser um produto econômico do país. Esse lugar é ocupado por jovens negras que diante do alienamento imposto pelo sistema expõem seus corpos através do rebolado, sendo vistas como objetos sexuais e colocadas como bonitas, admiráveis e amadas pela sociedade brasileira. Essa categoria é colocada como uma forma de ascender socialmente e ser aceita pela sociedade, de sair do estado de pobreza que outrora viviam, a vivência do ideal de brancura apontado por Neusa Santos Souza.

Construímos nossos processos de identidades, a partir de um passado obscuro, violado, onde nossas origens são marginalizadas ou folclorizadas. Onde a categoria de mulher que nos era apresentada pelo movimento feminista universal, por exemplo, em nada contemplava a nossa experiência de vida. Gonzalez (2020, p. 52) questiona, “apesar de tratarem das relações de dominação sexual, social e econômica a que a mulher está submetida, assim como da situação das mulheres das camadas mais pobres etc., não atentam para o fato da opressão racial”. E de outro lado, caminhávamos dentro do movimento negro, tendo como ponto de partida a experiência exclusiva do homem negro, que também não contemplava a experiência de vida das mulheres negras na sua condição de gênero.

Entendendo, portanto, que esse histórico faz parte da construção de identidade do ser mulher negra, tanto de maneira individual, quanto a visão da sociedade em geral, tornar-se relevante destacar que nos estudos, tanto feminista, quanto do movimento negro e também da Psicologia, esses fatos não podem ficar de fora, é necessário ter esse olhar de base, que vem do olhar interseccional proposto pelo feminismo negro. Nós ainda estamos em um processo de compreender todos os efeitos psíquicos que o racismo provocou na população negra e a Psicologia sendo uma ciência que trabalha com o humano, precisava ampliar sua concepção de humanidade.

Assim como narrado no tópico acima, a formação social brasileira, tem em sua base o racismo que perpassa e dá base não somente para a forma como as instituições de poder se organizam, mas também para como as relações sociais se dão desde então. Os estudos de Souza (1983) sobre o ideal de brancura buscado pelo sujeito negro e as análises sobre a empregada doméstica e a mulata feitas por Gonzalez (2020) falam não somente de um coletivo de pessoas, mas também de um aspecto individual que molda a forma como a mulher negra cresce e se desenvolve em nossa sociedade e é algo narrado durante todo esse trabalho, tanto na minha própria história, como também na história e escritos de Natalia e Layze.

Diante disso, é possível pensar uma identidade que escape dessas personagens pressupostas? É possível imaginar a elaboração de personagens que se reinventem e vivam metamorfoses? Como pensar o processo de identidade-metamorfose, tendo como base personagens que terão em si eternamente atrelados uma raça e um gênero que historicamente são vistos como menos valia e que lhe fazem alvo de violência?

Para Ciampa (1987), a identidade não pode ser vista como algo dado, pois a influência do discurso social é determinante na construção da identidade, existe uma articulação pela dialética de posição-reposição de personagens, “são múltiplas personagens que ora se conservam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam. Estas diferentes maneiras de se estruturam as personagens indicam como que modos de produção da identidade” (p.156).

No entanto, no fluxo de personagens, nesse processo de figura-fundo, existe a possibilidade que determinadas personagens entrem em um campo determinista de uma infinita reposição, onde o indivíduo não pode ou não consegue alternar ou suceder outra personagem que não há pressuposta como essencial, ou seja, independente do contexto social que esse indivíduo esteja, estará fixado em uma determinada personagem e isso pode trazer um aspecto de não metamorfose.

Para explicar tal fato, Ciampa (1987) apresenta dois processos: *mesmice* e *mesmidade*. Segundo o autor, *mesmice* diz respeito a ato de reposição contínua de identidade, que passa a ser vista como uma coisa “dada”, natural, essencial.

De certa forma, reatualizamos, através de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não como se dando continuamente através da reposição). Com isso, retira-se o caráter de historicidade da mesma, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social. (p.163)

O que é importante para nós ressaltar, é que Ciampa, vem ao longo do seu texto apresentando que, embora a mesmice possa apresentar um caráter negativo, onde podemos observar um certo enrijecimento e fixação do indivíduo, ela também pode apresentar seu caráter de resistência na medida em que essa personagem fixada é utilizada pelo indivíduo na tentativa de lidar com as questões sociais de aniquilamento que ele vivencia. Essa personagem fixada acaba sendo infinitamente repostada pois, é a forma que o indivíduo encontra de lidar com o mundo, que em outros contextos sociais, ou seja, em outras experiências de personagem acabava experimentando a violência, o desespero, a invisibilidade e com isso a possibilidade de aniquilamento.

Já o processo da mesmidade, Ciampa (1987) nos fala que está relacionado à uma superação de uma identidade repostada, a superação de si mesmo e a possibilidade de ser vários outros, adotando o fluxo de figura-fundo à medida que os contextos sociais vão sendo vivenciados. É a possibilidade de falar de si no plural, de se ver como um indivíduo que está sendo, que está em constante movimento de mudança, aberto à novidade, aberto a pensar e agir sempre de modo espontâneo, questionando a relação com o outros, não sendo apenas produzido pelas relações, mas também as produzindo. “O indivíduo à medida que vai adquirindo a capacidade de agir e de falar, vai também passando a se reconhecer e a ser reconhecido como alguém que pode afirmar “eu” de si mesmo. (Lima, 2010, p. 169)

Ciampa (2002), posterior a escrita de sua tese, discute que para pensarmos sobre os aspectos para qual a identidade pode caminhar e se de fato o sujeito está indo rumo à emancipação, é necessário entendermos a articulação existente entre as políticas de identidade e a identidade política.

O autor discorre que a identidade política se articula através da luta pela afirmação e reconhecimento de coletividades, como a categoria de coletivos de mulheres, negros, mulheres negras, lgbtsqia+, que para Ciampa, são personagens que fazem parte da construção

da identidade dos sujeitos. Durante toda a construção da pesquisa temos como base a visualização de uma identidade política de mulheres negras poetas, que se reconhecem e se afirmam como mulheres negras poetas, conferindo assim esse status de identidade política a esse sujeito, entendendo claro, que isto é uma faceta de sua identidade, visto que essa se constitui a partir de outros lugares e personagens que desempenham ao longo da vida, seja elas personagens ativas politicamente ou não.

O fato desse grupo de sujeitos lutarem em busca de reconhecimento, pode constituir a formulação de políticas de identidades que sejam utilizadas como instrumento ideológico, regulatório e determinista da realidade dos indivíduos que compõem essa coletividade, fomentando novas formas de opressão a essas identidades políticas. Algo que podemos perceber, na pesquisa já citada de Neusa Santos Souza, que ao abordar sobre a ascensão social do negro, exemplificando através da história de seus entrevistados, que esse negro pode até ascender socialmente, mas para isso, existem diversas exigências que esse sujeito deve cumprir e até onde ele pode ir. Existe um contorno, uma política de identidade que constrói uma imagem para o sujeito negro que segue lhe cerceando e limitando suas possibilidades, pois estar fora das exigências é correr o risco de deixar de ser reconhecido como sujeito.

Porém, Souza (1986) também nos afirma que é rompendo com as exigências e subvertendo essa política de identidade que é regida pelo ideal da branquidão que de fato o sujeito negro pode tornar-se quem se é e viver sua emancipação, criando novas possibilidades. A identidade política permite que o grupo possa existir enquanto um lugar democrático, que considera a individualidade e a partir dela se metamorfoseia, nos leva a processos emancipatórios, de mesmidade e desenvolve uma política de identidade crítica.

A partir disso, parto da perspectiva de pensar que a personagem *poeta*, atua extrapolando as políticas de identidade fechadas e cristalizadas, encerradas em scripts

formatados previamente, já quebra com todo o passado e o processo de identidades pressupostas destinadas às mulheres negras e se aproxima de um movimento de mesmidade. Afinal, é nesse lugar de poeta que nossas interlocutoras rompem com os silêncios que a sociedade lhes impõe e pelo movimento da poesia que se articulam enquanto coletivo, criam espaços de cuidado e troca. Através da rima ressignificam suas vidas, compartilham dores, promovem conhecimento, cultura, educação e constroem possibilidades de presente e futuro. Saem do lugar que lhes foi determinado e passam a trilhar caminhos de existência e vida nas encruzilhadas de suas jornadas.

Inicialmente, aproximar-se dessa categoria e apresentar-se para o mundo a partir de uma identidade de negro, de mulher negra, de mulher negra poeta e periférica, de mulher negra periférica e lésbica, dentre tantas outras categorias identitárias que pudermos pensar pode nos dar a sensação de identidade fixadas, fetichistas e aprisionadas pelo discurso dos outros generalizados, um processo de mesmice capturado pelas políticas de identidade. No entanto, apresentar-se a partir dessas categorias é o primeiro passo e de fato, não podemos nos fechar a elas, apenas dentro de uma perspectiva reacionária, é necessário também atuar, criar novas possibilidades.

Assim como destacado por Ana Lúcia Silva Souza (2005), no início dessa pesquisa, o movimento do hip-hop é um exemplo de como se aproximar de uma identidade política e ultrapassar aquilo que era esperado dela, pois o mesmo apropriou-se da categoria negro, cultura negra, negritude e apresentou um novo sentido a ela. Um sentido positivo, de enaltecimento, orgulho e história e foi retirando essa identidade do lugar de subalternidade, de menor valia, através da narração de uma nova história, “trazendo aspectos que podem contribuir para elevar a autoestima das pessoas e alterações visões ainda cristalizadas e naturalizadas” (Souza, 2012, p.32) através de seus raps, suas expressões de arte e promoção de eventos sociais comunitários.

Bem como, no próprio relato de nossas interlocutoras, que ao responderem à pergunta inicial das entrevistas, “quem é você?” trazem em suas respostas, diversas categorias identitárias que lhes atravessam e também a possibilidade de ser mais do que aquilo que lhe aprisiona em limites de identidade. Como apresenta Natalia ao falar de si:

uma pessoa extremamente sonhadora, que acredita que dá pra se construir mundos diferentes do que se tem e que vive em função disso em escalas maiores ou menores. E aí eu vou sendo tudo isso, inclusive uma pessoa que não consegue se descrever muito bem e que cria um conceito pra falar de si, eu digo que eu sou uma imensidão transbordante, é mais do que imenso, é o que se derrama para além da imensidão e que não consegue inclusive sintetizar uma descrição de uma bio e nem dizer quem é, mas entende que está sendo isso tudo e mais o que eu ainda vou descobrir ao longo dos dias.

Glória Anzaldúa (2019), a partir do seu lugar de mulher, lésbica, feminista, nascida no sul do Texas, mas tendo em suas origens uma família mexicana, nos apresenta a categoria de nova mestiça, aquela que é essa nascida posicionada em duas culturas, onde nenhuma dá conta de sua experiência, portanto ela precisa viver numa terceira cultura, naquilo que é fronteira, no entre essas realidades e criar novas realidades. Algo que podemos tecer um paralelo que nos aproxima muito do surgimento do movimento feminista negro e sua perspectiva interseccional e que é visualizado na personagem poeta, que surge desse *entre*, do movimento negro e do movimento feminista, pois a experiência da mulher negra, se dá na fronteira, da vida que se vive na colisão, no choque.

Essa experiência de viver enquanto mestiça, nos pede que saibamos agir, ao invés de apenas reagir. Para Anzaldúa (2021) a identidade é um rio- um processo “contida dentro do rio está sua identidade, e ela precisa fluir, mudar para continuar rio- se parasse seria um corpo de água contido como um lago ou um tanque” (p.133). Pensando na experiência das mulheres

negras o processo de se metamorfosear e ser sempre rio, se dá desde sempre, foi preciso muita agilidade, esperteza e resistência para não chegar à aniquilação, viver enquanto fronteiriças nos permitir entender que mais do que brigar e entrar em um confronto direto contra aqueles outros generalizados abordados na teoria de identidade de Ciampa, que tentam nos capturar, é necessário que criemos outras rotas.

Para a autora, a nova mestiça é o tipo de categoria que traz ameaças ao pensamento hegemônico dos conservadores, ela rompe com as identidades pressupostas que lhe são pensadas, quebra os rótulos e as teorias que são usadas para lhe controlar, consegue abrir furos em suas muralhas construídas e reforçadas ao longo dos séculos. A autora narra que as novas mestiças estão

(...)cansadas de terem suas mentes ocupadas por homens brancos, estão cansadas de serem dinamitadas por discursos, linguagem, escrita teórica. A caneta é uma arma usada contra elas. A caneta é a espada que nos faz prisioneiras de guerra em fábricas de mentes intelectuais, mas nós estamos aprendendo a usar a caneta. (Anzaldúa,2021, p 187)

Ao lermos isso, é impossível não correlacionarmos com o poder que a poesia e a escrita apresentam na história das mulheres negras, Natália e Layze também afirmam isso em suas narrativas, quando dizem que a poesia e o próprio movimento do slam aparecem em suas vidas e lhes ajudam a lidar com os silêncios e as dores, além de também promover uma maior apropriação de si, escutar suas próprias vozes e erguê-las para o mundo em forma de rima. As mulheres do *slam* vão usando a caneta para reescrever suas histórias, narrar o Brasil e o interior do Ceará a partir do olhar de quem vive.

Através da poesia apropriam-se de categorias que perpassam suas experiências, mas é também por ela que criam novas possibilidades, mas do que contribuir para um processo de autoconhecimento dentro dessas categorias, existe também um meio de ultrapassar as linhas

dessas categorias, pois os próprios aspectos identitários de suas experiências não lhe permite a fixação em um só fluxo e caminho, porque é sempre uma via de encruzilhada. Se apropriar de categorias, tais como negro, mulher, lésbica, periférica é lidar com a heterogeneidade do mundo, mesmo que os outros generalizados insistam em homogeneizar as experiências.

Algo que foi narrado pelas interlocutoras, ao afirmarem que percebem que com a popularização do movimento do slam, algo construído por um grupo de pessoas que lutam pela busca de reconhecimento e que foi ganhando destaque a partir de poesias fortes e viscerais que abordavam sofrimento e dor, principalmente de mulheres negras, começa a criar-se a percepção que isto seria a poesia de *slam*, essa poesia que fala de dor e sofrimento, aquelas que falam de amor, amizades, perspectivas de sonhos, não tinham o mesmo fervor e admiração, as pessoas queriam as de dor e sofrimento. Como nos conta Layze quando questionada sobre o que poderíamos encontrar em suas poesias.

Eu percebia que as pessoas chegavam pra mim e me pediam poesias específicas, as vezes eu queria recitar sobre minha mãe, aí as pessoas diziam, “recita aquela tua sobre ansiedade”, aí eu ficava, “gente eu não quero, porque doi”. E se criou um processo de espetacularização da nossa dor, porque não fui só eu que notei isso, outras pessoas também. E que a poesia de slam foi criando um certo moldezinho pra dar certo, sabe?” Eu não sou só a minha dor, só os meus traumas, ou só o abandono paterno que eu vivi e vivo. Eu também sou uma pessoa que ama e é amada, que já odiou viver e hoje ama viver. Eu falo muito sobre tudo, meus processos de reconhecimento, pertencimento, de dar a volta por cima, de maneira bem crua.

A partir dessa frase de Layze, podemos perceber o quanto isto é um exemplo, da atuação das políticas de identidade na tentativa de regulação e cerceamento das identidades dos poetas, uma tendência hegemônica que tenta capturar qualquer nova coisa que surja e lhe dá um limite de possibilidades de ser, como se a poesia de *slam* tivesse que ter um certo

molde de conteúdo para dar certo. Perspectivas como essa podem acabar gerando um movimento de fixação ou eterna reposição desse mesmo molde, ou dessa mesma personagem de dor nas poesias, reproduzindo assim mais uma vez a exploração e opressão dessas mulheres negras, servindo aos desejos e determinismos dos colonizadores racistas, mas assim como afirma Layze, a própria poesia marginal é fora da métrica e arrisco dizer que é fronteira, então além de dor, também tem vida, pertencimento e amor.

Para Anzaldúa (2016) a categoria da nova mestiça desenvolve a tolerância para as contradições e ambiguidades, aprende a viver na corda bamba entre as culturas, precisa ter uma personalidade plural, que sustenta as contradições e transforma ambiguidades em outras coisas, rompe com dicotomias. Vive nas encruzilhadas como aborda a teoria interseccional, mais do que visualizar as múltiplas opressões que afetam seus corpos e de seus pares, precisam realizar ações que visem e deem conta dessas multiplicidades e diante disso é necessário flexibilidade, pois a rigidez e a fixação lhe levariam a aniquilação.

Desse modo, é sabendo usar esse lugar com sabedoria e se resguardando de todas as estratégias de sobrevivência que essa mulher surge enquanto negra ou mestiça poeta, mas não em favor e sob o regime daquele outro generalizado, é desse lugar que ela aponta as diferenças, escancara as inadequações e às violências. Dessa forma, ela atua e não apenas reage contra algo, promovendo possibilidades.

É do lugar da marginalidade, da escrita marginal, da poesia e de todas essas identidades vistas e colocadas como inferiores e aniquilantes que as mulheres negras pulsam e transformam realidade. É se utilizando do lugar de fronteira, de margem, que desenvolvem tolerâncias às contradições e conseguem apontar novos caminhos, que saiam da lógica da binaridade ou ambiguidade. É assumindo o lugar de *slammer*, que recita sobre aquilo que dói, sangra, arde, mas também sobre amor, afeto, amizade e prazer que as mulheres negras, inclusive eu, inclusive Preta Poeta e Layze conseguem promover uma articulação do eu e

abrir espaço para a construção de uma sociedade multirracial pluricultural, “onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade” (Carneiro, 2019, p. 308).

Nos evoca Anzaldúa (2019) “soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e lhes dá novos significados” (p. 314).

Em suas escritas poéticas, aparecem suas experiências de vida, enquanto mulheres negras, enquanto corpos lgbtqia + ou não, revelando violências, frustrações e também possibilidades de amor, reconciliação e mudança. Trazendo em sua voz, não só a sua fala, mas a fala de suas ancestrais e tantas outras irmãs pretas lésbicas que estão espalhadas pelo nosso território. Foi do lugar da margem, do *slam* das minas que precisou ser um recorte de um *slam* maior que Natália Pinheiro se fez ouvir, fez revolução, gritou, abraçou, lançou livro e fez sua voz ecoar no território nacional inteiro, quando em 2020 conseguiu participar do *slam* BR, o campeonato nacional de *slam*.

Pelas fronteiras, pelos entres, pelas margens, pelas identidades de mulher negra, lgbtqia+. nordestina e muito mais que Natália Pinheiro, sendo Preta poeta, foi viajando virtualmente pelo Brasil com sua poesia que é grito e abraço, levando junto consigo, as mulheres de sua família, suas parceiras de *slam*, seu território, eu, você e tantas outras que já vieram e que virão.

A política de identidade pode até em algum momento se construir para servir aos que estão no poder e restringir o lugar ao qual o negro pode ir, o que ele pode pensar, mas a cultura da poesia, o hip-hop, o rap, o sarau, os quilombos, a teoria do feminismo negro, a interseccionalidade, a nova mestiça, estão aqui para afirmar, reafirmar, questionar, reconsiderar, reconstruir, quantas vezes for preciso para que possamos viver identidades políticas que nos levam a emancipação e ao bem-viver.

Dessa forma, é o momento de a Psicologia beber dessas fontes e romper com as próprias políticas de identidades que dão base para suas teorias e que produzem opressão e aniquilamento quando se fixam em discursos universalizantes que não contemplam a realidade social brasileira.

Ato final

Começo-meio-começo

Começo-meio-começo foi uma expressão que ouvi vinda de Antônio Bispo dos Santos, ou Mestre Antônio Bispo, um escritor e intelectual quilombola, em um evento sobre saúde mental que participei em julho deste ano, 2023. Bispo mencionou os saberes ancestrais que podem promover saúde mental, os saberes ancestrais de seus mestres do quilombo e dentre inúmeras reflexões importantes, ele aborda sobre como a nossa vida se dá enquanto processo e se utiliza do começo-meio-começo, para contrapor o famoso ciclo da vida começo-meio-fim, pois, a partir da sua perspectiva de quilombola sobre a vida e do conhecimento produzido por seus mestres, as coisas nunca chegam ao fim, depois do meio é um novo começo. As gerações de famílias são o exemplo disso, ele afirma que cada mestre ancestral continua vivo na memória e nas ações dos que estão no presente, afinal nos tornamos ancestrais a partir daquilo que ensinamos e deixamos para os nossos.

A perspectiva que Bispo apresentou é diretamente atravessada pela oralidade e pela memória, pois é através delas que os grandes mestres dos quilombos e podemos também dizer os velhos das famílias, narram seus ensinamentos e histórias para os seus mais novos e mesmo depois da partida, ainda se mantêm vivos em cada um daqueles com quem cruzou em sua jornada. Bispo em sua fala, reafirma algo que foi se desenhando ao longo dessa dissertação, sobre o quanto a oralidade construiu e constrói memória e história para o povo negro. Se não houvesse uma resistência por meio da oralidade, quantas mais histórias teriam sido perdidas em séculos e séculos de escravidão e nas águas do Atlântico?

A oralidade, a escrita fora da métrica, a expressão por meio da arte, a memória, são instrumentos que o povo negro utilizou para não sucumbir a aniquilação, para não perder totalmente o seu EU, a sua vida, a sua história. No primeiro ato deste trabalho, foi possível identificar o poder de movimentação e resistência que o *slam* oferece para quem participa do

mesmo e o quanto ele foi criado, sustentado e transformado pelas mãos e experiências de muitas mulheres, em especial, mulheres negras periféricas. Ali, essas mulheres criaram mais do que um espaço de competição entre poetas, e sim, um lugar de letramento, cultura, educação, ponto de apoio, suporte, possibilidade e caminho.

No desenvolvimento desse espaço de cuidado, diretamente atravessado por uma fala e mais do que isso, por uma escuta atenta, constituem-se redes de desenvolvimento, de afeto, de comunicação, onde diversas mulheres podem falar e serem ouvidas pela primeira vez, onde essas mulheres podiam entender que não estavam sozinhas e que não precisavam permanecer sozinhas. Ali, elaborou-se a possibilidade de falar de si, ouvir as outras e se reconhecer no meio de tudo isso, ali inventou-se novas formas de ser e se arrancaram as mordanças de suas bocas.

Dessa maneira, é por meio do movimento do *slam* e do acesso a poesias feitas por mulheres dessa cena, que aparecem em evidência as interlocutoras dessa pesquisa, que através da narrativa de suas vidas e suas narrativas poéticas, dialogam comigo sobre os aspectos de constituição do sujeito mulher negra. A partir de suas histórias individuais, relacionadas com as teorias de intelectuais do feminismo negro, apresento aspectos sobre o processo de silenciamento vivenciado por mulheres negras e aponto os diversos atravessamento de opressões que afligem suas experiências.

A poesia e a escrita aparecem como instrumentos para que as mulheres possam ultrapassar o silenciamento e a dominação, como um lugar que age de maneira a ser resistência, mas também como resignificação e criação de novos caminhos para além daqueles que lhe são colocados como possibilidade pela sociedade. É através da poesia que o *slam* resiste e transforma o mundo, é através da poesia que nossas interlocutoras Natália e Layze transformam a si mesma todos os dias e por meio da poesia falada, da oralidade que

diversos conhecimentos surgem e passam de ouvido e ouvido, boca em boca, bairro em bairro, e segue num fluxo de começo-meio-começo em cada novo lugar que chega.

No terceiro ato dessa escrita, proponho a reflexão sobre os aspectos de identidade que circulam a experiência de mulheres negras, tendo como base os estudos desenvolvidos por Antônio da Costa Ciampa, mas trazendo como ponto de vista um novo pano de fundo, algo que não foi evidenciado nos estudos de Ciampa, questões de raça.

Quando pensamos no desenvolvimento de identidades a partir desse olhar da Psicologia Social, o contexto social implica diretamente nessa elaboração de pensamento, portanto destacar aspectos do racismo estrutural que funda a nossa sociedade e, portanto, a psique de cada um dos brasileiros tornar-se imprescindível. O racismo, bem como as teorias do racismo científico dão base para a forma como serão percebidas pessoas negras e pessoas brancas, bem como que lugar cada uma dessas deve ocupar. O mito de uma democracia racial, onde o Brasil é apontado como um lugar onde não há preconceito, pois somos todos miscigenados, desresponsabiliza e invisibiliza as desigualdades sociais que mantêm pessoas negras como a classe mais pobre do nosso país.

Trago essa discussão a partir também dos estudos de intelectuais da Psicologia, que na década de 80 e antes disso, já produziam materiais sobre os efeitos do racismo na constituição dos sujeitos negros. O fato de pesquisas como a de Neusa Santos Souza, ainda não fazerem parte das ementas curriculares dos cursos de Psicologia, bem como as discussões de Cida Bento, denunciam o quanto a Psicologia segue carregada de um racismo científico que insiste em não racializar as discussões e também suas práticas e diálogo com essas autoras evidenciando o quanto a Psicologia ainda precisa ampliar sua escuta e seu campo de discussão para temas como este.

Tendo esse novo ponto de vista de narrativa, questiona-se a possibilidade do desenvolvimento de identidades políticas livres e emancipadas para mulheres negras e aponto

o quanto a personagem poeta apresenta um grande potencial para a experiência dessa identidade livre, pois esta apresenta uma nova consciência, vive nas encruzilhadas, enfrenta diversas opressões, resistente, entre em confronto e além disso, ainda desafia a lógica e cria novos cenários, possibilidades e caminhos.

Por fim, chego ao último ato e parágrafo desta dissertação, fico pensando sobre o quanto, em algum momento, processos como esses devem e precisam chegar ao fim, é necessário um ponto final que feche essa história, mas diante das palavras enunciadas por Bispo, espero que essa dissertação seja apenas um começo-meio-começo para mim dentro da minha vida acadêmica e pessoal, um começo-meio-começo para uma racialização das discussões em Psicologia e um começo-meio-começo para quem tiver a oportunidade de lê-la em algum momento da vida.

Obrigada.

Referências

- Almeida, S. (2018). *Racismo Estrutural*. Letramento.
- Anzaldúa, G. (2016). *Borderlands/La frontera*. Capitán Swing.
- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feminista*. 8(1), 229-236. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/311>
- Anzaldúa, G. (2009). *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. A Bolha Editora.
- Anzaldúa, G., (2019). La consciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. In *Pensamentos Feminista: conceitos fundamentais*. Hollanda, H.B. de (Ed.) (1ed., pp. 311-325). Bazar do tempo.
- Bosi, E. (2004). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Ateliê Editorial.
- Carone, I.; Bento, M. A. (org) (2016). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Editora Vozes.
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17(49), 117-132. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>
- Carneiro, S. (2019). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Hollanda, H.B. de (Ed.) *Pensamentos Feminista: conceitos fundamentais*. (1ed., pp. 301-309). Bazar do tempo.
- Ciampa, A. da C. (1987) *A Estória de Severino e a História da Severina; um ensaio de Psicologia Social*. Brasiliense.
- Ciampa, A. da C. (2002) Políticas de identidade e identidade políticas. In DUNKER, C. I. L.& Passos, M. C. (Eds.) *Uma Psicologia que se interroga – Ensaio*. (pp.133-144) Edicon,
- Collins, P. H.& Bilge, S. (2020). *Interseccionalidade*. Boitempo.

- Crenshaw. K. (1991). Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. Tradução: Portal Geledés. *Stanford Law Review*, 43(1), 1241-1299.
- D'Alva, R. E. (2019). SLAM: voz de levante. 2019. *Rebento*, (10) 268-286. www.periodicos.ia.unesp.br
- Davis, A. (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. Boitempo.
- Duarte, M. (Ed.). (2019). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta, uma antologia*: Planeta do Brasil.
- Gomes G. (2021). Moldes coloniais. In Sonast, B.& Teixeira, F. (Ed.). *Barrósas: memória e poesia*, (p. 41) Selo Miranda.
- Gonzalez, L.; Hanselberg, C. (1982). *Lugar de negro.*: Marco Zero.
- Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In Rios, Flávia & Lima, Márcia (Eds.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*, pp. 75-93). Zahar.
- Hartman, S.(2020). Vênus em dois atos. *Eco-pós: Dossiê Crise, feminismo e comunicação (online)*, 23(3), 12-33. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>
- Hartman, S. (2022). *Vida Rebelde, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais.*(Trad: Floresta). Fósforo.
- Hooks. B.(2019). *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Elefante.
- Jesus, A. J. S. de. (2021). *Mulheres negras no Slam das Minas BA: um espaço de insubmissão e resistência*. Dissertação (Mestrado).Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.
- Jonhson, J. (2017). *Killing Poetry: Blackness and the Making of Slam and Spoken Word Communities*. New Brunswic: Rutgers University Press.
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da Plantação*. Cobogó.

- Lima, A. de (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. FAPESP, EDUC.
- Lima, A. F. de & Ciampa, A. da C. (2012). In Lima, A. F. de (Ed.). *Psicologia Social Crítica: paralaxes do Contemporâneo*. (1ed., pp. 11-29). Sulina.
- Lima, A. F. de. (2014). História oral e narrativas de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In Lima, A. F. de. & Lara Júnior, N.(Eds.). *Metodologias de pesquisa em Psicologia Social crítica*. (1ed., Cap. 1, pp. 13-34). Sulina.
- Lima, A. F. de & Ciampa, A. da C. (2017). “Sem pedras o arco não existe”: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. *Psicologia e Sociedade*. 29, p.1-10.
- Lorde, A. (1977-2020). A poesia não é luxo. In LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. (1ed., pp. 45-49). Autêntica.
- Mead, G. (2010) O Self. In Morris, C.W. (Ed.) *Mente, Self e Sociedade*.(Tradução Maria Sílvia Mourão). Ideias &Letras (Coleção Subjetividade Contemporânea).
- Morrison. T. (2019). Romantizado a escravidão. In: Morrison, T. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. (1ed., pp. 11-21). Companhia das Letras.
- Munanga. K. (2020). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5e. Autêntica.
- Nascimento, É. P. do. (2006). “*Literatura marginal*”: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- Nascimento, B. (2021). Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: Dos quilombos às favelas. In: Nascimento, B. *Uma história feita por mãos negras*. Ratts, A. (Ed.) (1ed., pp. 109-119). Zahar.
- Nascimento, B. (2021). Kilombo. In Nascimento, B. *Uma história feita por mãos negras*. Ratts. A. (Ed.) (1ed., pp. 247-251). Zahar.

- Nascimento, A. (2019). *O quilombismo: documentos de uma Militância Pan-africanista*. (3ed).
Perspectiva.
- Negafya. (2019). Descendentes de guerreiros. In Duarte, M. (Ed.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta, uma antologia*. (1ed., p. 183). Planeta do Brasil.
- Negafya. (2019) Brasil Genocida. In: Duarte, M. (Ed.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta, uma antologia*. (1ed., p. 184). Planeta do Brasil.
- Pereira, M. (13 fevereiro. 2019) Eu sou a menina que nasceu sem cor. Midria Pereira [Vídeo].
You Tube.: < A menina que nasceu sem cor (Poesia Completa) - Midria - YouTube >.
- Pinheiro, N. (2022). *No mar de silêncios gritei poesia*. Editora Eu-i.
- Puã, B. (2019). Não. In: Duarte M. (Ed.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta, uma antologia*. (1ed., p. 29): Planeta do Brasil.
- Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* Companhia das Letras.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de Fala*. Polen.
- Rocha, C. (2019). Arte escura. In: Duarte, M. (Ed.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta, uma antologia*. (1ed., p. 51). Planeta do Brasil.
- Romã, L. S. (2022). *Microfone em chamadas: slam, voz e representação*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2022.
- Sautchuk, J. M. M. (2010). A poética cantada: investigação das habilidades do repentista nordestino. Dossiê Poéticas da Oralidade. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. (35), pp. 167-182. <https://doi.org/10.1590/2316-40183512>
- Souza, N. (1983). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Edições Graal.
- Souza. A. L. S. (2005). Hip hop: novos gestos e espaços de falas, leituras e imagens negras. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*. (2), pp. 10-14.

Souza. A. L. S. (2012). Discursos sobre identidades negras na cultura hip-hop. *Linguagens, identidades e letramentos*. (2) 2. pp. 24-37.